



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE PESQUISA E TEORIA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PESQUISA DO COMPORTAMENTO
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

*Crianças em Acolhimento Institucional: Percepções relativas à estrutura
e dinâmica de suas famílias*

Paula Danielle Souza Monteiro

Belém-Pa
Abril-2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE PESQUISA E TEORIA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PESQUISA DO COMPORTAMENTO
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Crianças em Acolhimento Institucional: Percepções relativas à estrutura e dinâmica de suas famílias

Paula Danielle Souza Monteiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celina Maria Colino Magalhães (UFPA)

Trabalho parcialmente financiado pela CAPES, através de bolsa de mestrado.

Belém – PA

2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE PESQUISA E TEORIA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PESQUISA DO COMPORTAMENTO
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: PERCEPÇÕES RELATIVAS
À ESTRUTURA E DINÂMICA DE SUAS FAMÍLIAS

CANDIDATA: PAULA DANIELLE SOUZA MONTEIRO

DATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO: 11/04/2014.

RESULTADO: APROVADA

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Celina Maria Colino Magalhães (PPGTPC/UFPA), Orientadora

Prof^a. Dr^a. Simone Souza da Costa Silva (PPGTPC/UFPA), Membro

Prof^a. Dr^a. Normanda Araújo de Moraes (PPGP/UNIFOR), Membro

Prof^a. Dr^a. Celi da Costa Silva Bahia (IED/ UFPA), Suplente

Agradecimentos

À Deus, pela vida e pela fé em todos os momentos, especialmente naqueles em que pensei em desistir...

À minha orientadora, professora Celina Magalhães, obrigada pela oportunidade de fazer o mestrado no PPGTPC.

Aos "Ledianos", especialmente, à Dalízia, à Luísa e à Laiane, com as quais dividi os melhores e os piores momentos (O Alcock! O fulano de tal do painél! os prazos, dentre muitas outras situações).

Ao professor Grauben Assis, o qual tive o imenso prazer em acompanhá-lo durante toda a minha graduação, como bolsista de iniciação científica e como estagiária.

Às professoras Celi Bahia e Simone Souza, pelas suas considerações tão pertinentes, tanto na qualificação quanto na banca examinadora. E à professora Normanda de Moraes que muito gentilmente aceitou o convite para compor a banca examinadora.

Ao PPGTPC, aos professores, discentes e aos funcionários, especialmente ao meu querido Laércio, sempre agilizando a minha vida!

Às crianças, que além de participaram da pesquisa, sempre me recebiam com sorrisos e abraços.

À Hilda Rosa Freitas: por disponibilizar o FAST, a câmera, pelas sugestões na qualificação, pelos artigos do Gehring e do Minuchin, o livro de Nichols e Schwartz, por ter lido comigo tudo o que eu escrevia, por ter me ensinado a analisar os dados do FAST... e acima de tudo pelo compromisso que carregou comigo, pela disposição toda semana, por ter acreditado no meu potencial e pela amizade sincera ... OBRIGADA!

Aos meus amigos, especialmente, Raquel Maués, Mizael Mascarenhas, Priscila Magalhães e Eliane Silva, os quais não me abandonam!

À minha família muito querida e amada (avós, pai, mãe, padrasto, irmãos, tios/tias, primos/primas e agregados): que apesar de tantas críticas quanto à minha dedicação ao estudo, sei que no fundo torciam por mim... Obrigada!

Ao meu amor, Gregório Jr, que esteve todo esse tempo ao meu lado: obrigada pelas críticas sempre muito construtivas... Obrigada por trabalhar para que eu pudesse estudar, além de me proporcionar um lindo e tranquilo lar, onde pude finalizar a minha dissertação em paz! Jamais esquecerei todo o seu esforço para me dar o melhor e ser o melhor ... OBRIGADA por suportar os momentos de estresse e por me dar a sua opinião sincera!

A autora

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
O Acolhimento Institucional de Crianças no Brasil	14
As Causas do Acolhimento Institucional	15
Os Grupos de Irmãos e Seu Não-Desmembramento Durante o Processo de Acolhimento.....	17
As Visitas nas Instituições de Acolhimento	20
O Tempo de Acolhimento e suas Consequencias	22
A Família na Perspectiva do Modelo Estrutural Sistêmico	24
As Famílias de Crianças em Acolhimento Institucional	30
Percepções de Crianças em Acolhimento Institucional sobre Família	35
Objetivos	42
Objetivo Geral	42
Objetivos Específicos	42
MÉTODO	43
Delineamento	43
Participantes	43
Contexto da pesquisa: a instituição de acolhimento	43
Ambiente da coleta	44
Instrumentos e Materiais	45
Formulário de Caracterização	45
Family System Test	45

Procedimento de coleta de dados	47
Procedimento de análise de dados	49
RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
Caracterização dos Participantes	52
Representações dos Participantes sobre suas Famílias	60
Participante Alice	60
Participante Bruna.....	66
Participante José	70
Participante Márcio.....	76
Participante André.....	81
Participante Eliane.....	87
Participante Maria	92
Participante Sandra.....	96
Participante João.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	117
Apêndice A	118
Apêndice B	122
Apêndice C	123
Apêndice D	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tipos de fronteira conforme o grau de flexibilidade	29
Figura 2. Foto ilustrativa da sala de coleta de dados	45
Figura 3. Figura 3. Materiais de aplicação do FAST	46
Figura 4. Análise da coesão	49

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1. Caracterização dos participantes por sexo, idade, escolaridade, motivo do acolhimento, tempo de permanência e irmãos na instituição.....	53
Quadro 1. Tipos de estrutura familiar.....	50
Tabela 2. Identificação dos visitantes e a periodicidade da visita na instituição.....	57
Tabela 3. Estrutura familiar nas três representações de Alice.....	61
Tabela 4. Flexibilidade nos três subsistemas de Alice.....	64
Tabela 5. Estrutura familiar nas três representações de Bruna.....	66
Tabela 6. Flexibilidade nos três subsistemas de Bruna.....	69
Tabela 7. Estrutura familiar nas três representações de José.....	71
Tabela 8. Flexibilidade nos três subsistemas de José.....	75
Tabela 9. Estrutura familiar nas três representações de Márcio.....	76
Tabela 10. Flexibilidade nos três subsistemas de Márcio.....	80
Tabela 11. Estrutura familiar nas três representações de André.....	81
Tabela 12. Flexibilidade nos três subsistemas de André.....	85
Tabela 13. Estrutura familiar nas três representações de Eliane.....	87
Tabela 14. Flexibilidade nos três subsistemas de Eliane.....	91
Tabela 15. Estrutura familiar nas três representações de Maria.....	92
Tabela 16. Flexibilidade nos três subsistemas de Maria.....	95
Tabela 17. Estrutura familiar nos três subsistemas de Sandra.....	96
Tabela 18. Flexibilidade nos três subsistemas de Sandra.....	100

Tabela 19. Estrutura familiar nas três representações de João..... 101

Tabela 20. Flexibilidade nos três subsistemas de João.....104

Monteiro, P. D. S. (2014). Crianças em Acolhimento Institucional: Percepções relativas à estrutura e dinâmica de suas famílias. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém.

RESUMO

O presente trabalho procurou investigar as percepções quanto à estrutura e à dinâmica familiar de crianças em acolhimento institucional. Trata-se de um estudo de casos múltiplos, do qual fizeram parte nove crianças na faixa etária de seis a sete anos, que estavam acolhidas em uma instituição governamental no estado do Pará. Os dados foram coletados utilizando um formulário de caracterização adaptado, para análise sócio-demográfica dos participantes e o Family System Test (FAST) para avaliar as percepções das crianças sobre estrutura e dinâmica familiar. Os principais resultados indicaram que, no tocante à caracterização, a maioria dos participantes recebia visitas, duas participantes apresentaram um período prolongado de atendimento. Além disso, dentre os critérios de seleção adotados para a população atendida, estavam o sexo e a idade. Verificou-se que a visita dos genitores, geralmente, é um fator relevante para a efetiva reinserção, diminuindo o tempo de permanência da criança/adolescente na instituição. Os dados mostraram, também, que, apesar do caráter excepcional e provisório da instituição como medida de proteção, algumas crianças permanecem acolhidas por muito tempo, apresentando um enfraquecimento dos vínculos familiares. E, que o sexo e a idade são fatores responsáveis pelo desmembramento de grupos de irmãos. No que diz respeito à aplicação do FAST, e também na caracterização, mostraram que a noção de família nuclear, atualmente, não consegue dar conta dos diversos arranjos que têm surgido, verificando-se que as famílias representadas pelos participantes foram bastante diversificadas. Em todas as representações houve a forte presença da família extensa, principalmente a figura dos avós, personagens relevantes no processo de acolhimento, pois, depois da mãe, as visitas mais frequentes são as dos avós. Na maioria das representações, principalmente nas de conflito, ao relacionar-se os escores de coesão e hierarquia, foram identificadas estruturas familiares desequilibradas, com excesso de concentração de poder e poucas trocas afetivas entre os membros, revelando uma dinâmica familiar com baixa flexibilidade, indicando fronteiras rígidas que implicam em pouca interação com outros contextos além da família. Além disso, para que haja um trabalho mais efetivo junto às crianças acolhidas e suas famílias é imprescindível ouvi-las, já que as percepções delas a respeito de sua situação podem facilitar o trabalho daqueles que atuam junto a essa população. Os resultados do estudo, também, mostram-se úteis aos profissionais que atuam nessa área, como a equipe técnica da instituição de acolhimento (pedagogos, psicólogos e assistentes sociais), pois pode capacitá-los na área de infância, adolescência e família, em situação de vulnerabilidade, contribuindo para o embasamento teórico-prático desses profissionais para a tomada de decisão nos processos. À medida que os profissionais apresentam embasamento teórico, podem contribuir com um trabalho mais efetivo junto às famílias, inserindo-as na rede de atendimento e fortalecendo-as como cuidadoras.

Palavras-chave: crianças em acolhimento institucional, percepções, estrutura e dinâmica familiar.

Monteiro, P. D. S. (2014). Children in Institutional Shelter: Perceptions concerning the their family structure and dynamic. *Master's Thesis*. Program in Theory and Research Behavior, Federal University of Pará, Belém.

ABSTRACT

The present study aimed at investigating the perception that children who are in institutional shelter have on the family structure and dynamic. This is a multiple-case study in which nine children with ages between six and seven years old took part; they were housed in a state institution from the state of Pará-Brazil. The data were collected by the use of an adapted characterization form, for the sociodemographic analysis, and the Family System Test (FAST) for the analysis of the perception the children have on family structure and dynamic. The main results show for the characterization that most of the participants were visited, and two participants were in the institution for a long period. In addition, gender and age were included in the selection criteria for partaking. It was verified that being visited by the parents is an important factor for the effective re-insertion of the child, shortening its permanence period in the institution. The data also showed that even though the institution has an exceptional and provisory character as a measure of protective, some children stay in the institution for a long period of time, demonstrating the weakening of family bonds. In addition, gender and age are responsible factors for the disruption of groups of siblings. To what concerns the FAST application, and also the characterization, they showed that the current concept of a nuclear family does not cover several new arrangements, demonstrating that the families represented by the participants were very diverse. In all representations there was a strong presence of the extensive family, specially of the grandparents, important characters in the welcoming process because they are the most common visitors after the mothers. In most representations, mainly in the conflict ones, by relating the cohesion and hierarchy scores it was identified an unbalanced family structure, with an excess of power concentration and little affective exchanges between the family members, revealing a family dynamic with little flexibility, indicating the existence of strict limits that imply in a poor interaction with other contexts besides the family. In addition, for a more effective approach with the children in this institutions and their family it is mandatory to listen to them, for their perception on their own situation may ease the approach of people working with this population. The results are also useful for the professionals that work in this area, such as the technical team of the institution (pedagogue, psychologist, and social worker), for it can capacitate those professionals to work with infancy, adolescence, and family in a position of social vulnerability, contributing to the theoretical and practical foundation of these professionals for the decision making during the processes. As these professionals have more theoretical foundations they can contribute to a more effective approach with the families, including them in the attended group and making them better caretakers.

Keywords: children in institutional shelter, perceptions, family structure and dynamic.

Apresentação

Atualmente, milhares de crianças e adolescentes estão em situação de acolhimento no Brasil. Vários estudos foram realizados com foco nas percepções delas sobre família. Assim, investigar as percepções de crianças em situação de acolhimento institucional sobre família torna-se relevante na medida em que contribui nas discussões sobre desenvolvimento infantil, as famílias e as condições de acolhimento.

O propósito deste trabalho foi investigar as percepções de crianças, quanto à estrutura e à dinâmica de suas famílias. Utilizou-se um estudo de casos múltiplos, no qual fizeram parte nove crianças na faixa etária de seis a sete anos, que se encontravam acolhidas em uma instituição governamental na cidade de Belém/Pa. Foram levantados dados sócio-demográficos dos participantes (sexo, idade, escolaridade, motivo e tempo do acolhimento, permanência de irmãos na mesma instituição, visita) e as percepções no tocante ao sistema familiar, aferidas através do FAST, teste que analisa a estrutura das relações familiares (relações entre pais, irmãos e pai/mãe-filho), a partir das variáveis coesão e hierarquia, proporcionando uma avaliação quantitativa e qualitativa das relações familiares.

O trabalho está organizado da seguinte forma: a Introdução, composta por quatro subtópicos, sendo que o primeiro foi direcionado à caracterização do acolhimento institucional de crianças no Brasil, com as causas do acolhimento, os grupos de irmãos e seu não-desmembramento, as visitas e o tempo de permanência e suas possíveis consequências. O segundo subtópico trata da família a partir do modelo estrutural sistêmico, proposta por Salvador Minuchin. O terceiro apresenta a família de crianças em acolhimento institucional. E o quarto refere-se às percepções de crianças em acolhimento institucional sobre família.

Em seguida o Método traz a descrição do delineamento utilizado, dos participantes, do contexto da pesquisa e ambiente de coleta, os instrumentos e o procedimento, com a descrição dos passos realizados e uma proposta de análise dos dados.

Os Resultados e Discussão, ilustrando as análises dos dados relacionados com a literatura. Os dados serão apresentados em dois momentos, a saber: a caracterização dos participantes, com sua trajetória de acolhimento e os resultados da aplicação do FAST para cada subsistema (familiar, parental e fraternal) em cada representação (típica, ideal e de conflito).

E, finalmente, as Considerações Finais, em que se apresenta uma discussão geral sobre os resultados, as limitações, assim como possíveis implicações e possibilidades para estudos futuros.

O Acolhimento Institucional de Crianças no Brasil

A realidade da infância e adolescência em situação de risco e vulnerabilidade no Brasil continua sendo uma problemática, um desafio a ser enfrentado pela sociedade. Ainda persistente nos dias atuais, esta realidade envolve diretamente a vida de milhares de crianças e adolescentes e suas famílias, que por diversas causas passaram ou passam pelo acolhimento institucional.

O acolhimento institucional consiste em uma medida de proteção integral e especial, de caráter provisório e excepcional, por meio da qual a guarda provisória de crianças e adolescentes é exercida pelo dirigente da instituição de acolhimento (Brasil, 1990). Essa medida é empregada como forma de transição para o retorno da criança à família de origem ou para uma família substituta, sendo que o objetivo principal desse serviço consiste na proteção de crianças e adolescentes quando estes sofrem violação de seus direitos (ECA, 1990).

Ao longo da história do Brasil, o acolhimento sofreu várias transformações, especialmente, a partir da década de 1990 com a promulgação do ECA, e recentemente com a Lei 12.010 (2009). Essas alterações nos dispositivos legais que orientam o acolhimento chamaram a atenção da comunidade científica (Rossetti-Ferreira, Serrano & Almeida, 2011; Silva, 2004; Siqueira & Dell'Aglio, 2006), a qual vem realizando diversos tipos de pesquisas sobre essa temática.

Dentre os estudos realizados nesta área, chama atenção a pesquisa de levantamento estatístico nacional sobre a situação de crianças e adolescentes em vulnerabilidade no Brasil (Silva, 2004), a qual mostrou que há grandes diferenças entre as regiões. A região Norte apresenta 92% de seus abrigos com no máximo 25 crianças e adolescentes. No entanto, na região Centro-Oeste os dados mostram uma realidade

completamente diferente: 58,5% dos seus abrigos atendem pequenos grupos e 27% dos dirigentes são pós-graduados, enquanto que na região Norte apenas 12%.

O estudo fez um levantamento geral, explicitando as diversas causas do acolhimento institucional. Nos 589 abrigos pesquisados vivem aproximadamente 20 mil crianças e adolescentes, sendo na sua maioria meninos, com idade entre sete e 15 anos, negros e pobres. A maioria desse público (87%) têm família, com 58% mantendo vínculo com seus familiares. Além disso, verificou-se a permanência de grupos de irmãos na mesma instituição, sendo que apenas 5,8% das 589 instituições desenvolvem ações que garantem a preservação dos vínculos familiares e o não desmembramento do grupo de irmãos (Silva, 2004). Nesse levantamento, foram identificadas as pessoas que visitam as crianças e os adolescentes, assim como o tempo de acolhimento, o qual pode durar até um período de mais de dez anos.

As causas do acolhimento institucional

Em várias instituições de acolhimento, no Brasil, as principais causas do acolhimento são: negligência dos pais e/ou responsável (mais de 80%); dependência química dos pais e/ou responsável (mais de 80%); abandono dos pais e/ou responsável (aproximadamente 77%); violência doméstica (próximo de 60%) e abuso sexual praticado pelos pais e/ou responsável (próximo de 45%) (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013).

Atualmente, o acolhimento de crianças e adolescentes aumentou de forma significativa por conta da dependência química e alcoolismo dos pais ou responsáveis (Kreuz, 2012), o que, na maioria das vezes, acaba dificultando a volta das crianças para a família de origem.

Alguns estudos da literatura reforçam a ideia anterior ao pontuar que na maioria dos acolhimentos não há uma causa única, visto que geralmente uma causa vem acompanhada de outras (Cavalcante et al., 2007; Conselho Nacional do Ministério Público, 2013; Kreuz, 2012). A negligência geralmente vem acompanhada de outros fatores, como a violência e o abuso (Lounds, Borkowski & Whitman, 2006) ou a pobreza, que geralmente vem acompanhada da negligência, dos maus tratos e do alcoolismo (Kreuz, 2012).

Alguns estudos como os de Arpini e Quintana (2009), assim como o de Silva (2004) levam em consideração outro aspecto, pouco citado na literatura sobre acolhimento, mas que pode ser relevante para a entrada e permanência de crianças no serviço de acolhimento: a vontade dos pais de que os filhos desenvolvam-se e de possibilitar a eles uma condição melhor do que a sua própria, como exemplificado por Arpini e Quintana:

Muitas vezes, quando diante da constatação de que a casa de um cômodo, sem instalações elétricas, sem "quase nada", não consegue "segurar" os filhos, que acabam saindo à procura de diversão e ocupação, os pais vêm o abrigo como uma medida de salvação (p.22).

A partir da literatura, infere-se que o acolhimento institucional tem causa multifatorial. Os principais motivos foram a negligência dos pais ou responsável, seguida pela dependência química dos genitores ou responsável, assim o abandono, violência doméstica e a exposição à violência sexual, dentre outras variáveis como essas frequentes que têm servido como justificativa para a permanência de crianças em diversas instituições de acolhimento. Além disso, na maioria das vezes, um fator vem acompanhado de outros (Kreuz, 2012).

Os grupos de irmãos e seu não-desmembramento durante o processo de acolhimento

Os animais apresentam inúmeras capacidades, dentre as quais mantem mais de uma relação de apego, ao mesmo tempo, como é retratado na estampagem em filhotes de patos, que seguem tanto a mãe, bem como os irmãos. E, de forma parecida, há inúmeras evidências que sugerem que as crianças formam, ao mesmo tempo, apego tanto com a mãe, com o pai, com o cuidador responsável por ela, assim como com o irmão mais velho (Almeida, Maehara & Rossetti-Ferreira, 2011).

Infere-se, desse modo, que a criança é capaz de se apegar às múltiplas pessoas, dentre elas, os irmãos, que apresentam-se, desse modo, como figuras importantes no processo de desenvolvimento. Dessa maneira, os irmãos são relevantes para o desenvolvimento devido ao impacto da experiência de compartilharem os pais, assim como pelo contato diário e familiaridade, bem como pelo relacionamento desinibido emocionalmente (Dunn, 2005).

A partir da promulgação do ECA (1990) até atualmente muitas transformações aconteceram e ainda continuam acontecendo no cenário que envolve o acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. O artigo 92 do ECA delimita princípios e critérios a serem adotados, afim de garantir o direito e bem estar de crianças e adolescentes em acolhimento, dentre os quais ressalta-se, aqui, o não desmembramento dos grupos de irmãos. Ou seja, deve-se adotar medidas que garantam a preservação dos vínculos familiares, o que abrange a manutenção de grupos de irmãos dentro da instituição.

Sobre esse aspecto, chama a atenção um dado do levantamento nacional do IPEA (Silva, 2004), o qual mostra que apenas 5,8% das instituições de acolhimento

pesquisadas (de um total de 589 instituições) desenvolvem ações que garantem a preservação dos vínculos familiares e o não desmembramento do grupo de irmãos. Percebe-se com isso que em inúmeras instituições de acolhimento, no Brasil, este princípio está sendo violado, na medida em que critérios de organização do público atendido implicam na separação de irmãos em processo de acolhimento.

Complementando esta idéia, Almeida et al. (2011) explicitam que, dentre os critérios de seleção adotados para a população atendida em algumas instituições de acolhimento, estão o sexo e a idade, o que muito frequentemente funciona como uma das variáveis responsáveis pelo desmembramento do grupo de irmãos. Nesse sentido, levando em consideração essa realidade, Almeida et al. (2011) apontam para a necessidade das instituições de acolhimento reverem suas concepções e práticas relacionadas ao acolhimento de grupos de irmãos.

Ainda são poucos os estudos que se voltam para a investigação sobre os grupos de irmãos na instituição de acolhimento. No Brasil alguns trabalhos foram realizados contemplando essa temática (Almeida, 2009; Almeida et al., 2011; Cavalcante et al., 2007; Cavalcante, Costa & Magalães, 2011; Serrano, 2011; Silva, 2004).

Almeida (2009) desenvolveu um estudo que objetivou conhecer a rede social de crianças que viviam em instituições de acolhimento, e, especificamente, saber como os irmãos aparecem nessa rede. Participaram 18 crianças, com idade entre seis e doze anos. Foram utilizados como instrumentos o desenho, a entrevista e o mapa dos cinco campos. Os resultados mostram que os irmãos mais velhos foram os familiares mais mencionados, especialmente, por exercerem funções como a educação, o apoio emocional, a relação afetiva, assim como a brincadeira e o lazer. Além disso, verificou-se que os irmãos que viviam na mesma instituição foram os mais mencionados.

Segundo a autora este dado pode indicar a relevância da proximidade entre eles para a conservação do vínculo. Também, a organização da estrutura e da rotina da instituição, tendo como critérios a faixa-etária ou sexo das crianças, não privilegia a manutenção ou desenvolvimento dos vínculos afetivos entre os irmãos.

No tocante ao fator ter irmãos na mesma instituição de acolhimento, Cavalcante et al. (2011) analisaram eventos que envolviam comportamento de cuidado entre crianças em acolhimento com e sem irmão na mesma instituição. Os resultados mostraram que os participantes com irmão demonstraram mais esses comportamentos, os quais foram dirigidos, principalmente, a parceiros não-irmãos, neste caso os companheiros de dormitório, ou a adultos, os cuidadores. Além disso, o comportamento brincar de cuidar foi o mais freqüente entre os participantes com irmão na instituição. Sinalizam que as condições objetivas e subjetivas em que as crianças interagem com seus irmãos e irmãs são elementos contextuais que têm influência, tanto em como o comportamento de cuidado será mantido quanto no como eles adquirem um significado na formação de padrões de interação na infância.

Sobre as crianças em acolhimento terem irmãos, o estudo de Serrano (2011) objetivou caracterizar a situação de acolhimento pela qual passavam crianças de zero a seis anos em Ribeirão Preto. Os resultados mostraram que 78% dos participantes têm irmãos, 10% não têm e de 12% dos participantes não se sabe. Sobre esse dado, ela infere que a grande quantidade de grupos de irmãos pede a necessidade de se rever a idade como um dos critérios de atendimento, objetivando, com isso, a manutenção dos grupos de irmãos na mesma instituição, atendendo assim ao que é preconizado na lei, por exemplo, o ECA (1990) e a Nova Lei de Adoção (Lei 12.010, 2009).

Cavalcante et al. (2007), assim como Serrano (2011) também tratam de aspectos das condições gerais em que crianças foram encaminhadas, acolhidas e cuidadas em uma instituição de acolhimento infantil em Belém-Pa. Dentre os dados desse estudo quase a metade (46%) dos participantes possuía irmãos. A maioria das crianças havia sido acolhida pela instituição acompanhada de apenas um irmão, no entanto, verificou-se que conviviam no mesmo espaço dois (15,68%) ou, em alguns ambientes, até três irmãos (4,87%).

Esses dados, assim como a literatura inferem que essa prática está bastante presente tanto no passado quanto contemporaneamente. Ainda em meados do século passado, 40% das crianças que viviam em instituições de acolhimento tinham mais de um irmão na mesma instituição (Cavalcante et al., 2007; Rizzini & Rizzini, 2004), sendo, dessa forma, um aspecto importante se investigar os irmãos em acolhimento.

As visitas às instituições de acolhimento

Outro aspecto que também apresenta-se muito relevante com relação ao acolhimento diz respeito à quem visita a criança. Sobre a visita à instituição de acolhimento, estudos da literatura (Cavalcante et al., 2007; Serrano, 2011; Silva, 2004; Weber & Kossobudzki, 1996) apresentam contribuições para a área de estudo investigada.

Serrano (2011) em sua pesquisa visando caracterizar o perfil dos participantes, de suas famílias e da trajetória do acolhimento, constatou que a maioria dos participantes (55%) recebia visitas, de uma a três vezes por semana. Na cidade onde realizou o estudo (Ribeirão Preto-SP), as instituições de acolhimento têm dias e horários de visitação delimitados durante a semana, sem permissão para o final de semana, sendo que em apenas um dos quatro deles pode haver a flexibilidade no horário. A autora

concluiu que a rigidez e a inflexibilidade das visitas pode gerar grande dificuldade para que elas ocorram, pois a família, muito frequentemente, não consegue conciliar os horários de visitas com compromissos de seu cotidiano, como: o trabalho, a família, etc. (Serrano, 2011).

O estudo de Weber e Kossobudzki (1996) descreve e analisa aspectos relacionados ao processo de institucionalização de crianças encaminhadas a instituições de acolhimento, identificando quem e com que frequência visitavam as crianças na instituição. Os resultados evidenciam que 8,41% dos participantes nunca havia recebido visita dos pais ou familiares na instituição de acolhimento. E, nesse sentido, explicitam que por esse motivo, a longa permanência em instituição de acolhimento pode contribuir para a ruptura definitiva dos vínculos familiares, sustentando na criança o desejo de crescer em outra família. As autoras apontam para o distanciamento por parte dos pais ante a permanência prolongada de seus filhos sob a guarda do abrigo. Das crianças que viviam na instituição há pelo menos 12 meses, cerca de 67% não haviam recebido a visita dos pais ou de qualquer um deles.

Em um estudo realizado em Belém/Pa constatou-se que as mães são as pessoas com maior número de visitas às crianças, sendo que uma minoria (13,59%) recebeu visitas por seu pai e sua mãe no mesmo encontro. No geral, o percentual de frequências relativas aos encontros com a presença apenas da mãe foi de 28,91% ou do pai 4,89% (Cavalcante et al., 2007). Percebe-se que depois dos pais, os avós são os mais presentes na visita, sendo atuantes nas vidas das crianças (Lopes, Néri & Park, 2005).

Além disso, algumas visitas foram feitas por parentes que compareceram à instituição de acolhimento sozinhos (11,15%). Os parentes que mantiveram contato regular com as crianças foram os avós, tios, primos ou irmãos mais velhos, o que mostra

a frequência da família extensa no processo de acolhimento institucional (Cavalcante et al., 2007).

Dessa forma, além de informações sobre a visita, dados como quem visita e com que frequência, o tempo de acolhimento é outra variável importante especialmente no que diz respeito à avaliação das medidas que promovem a reinserção da criança na família.

O tempo de acolhimento e suas consequências

Dados do levantamento estatístico sobre a situação de crianças e adolescentes em acolhimento, no Brasil, mostram que mais da metade deles vivia na instituição há mais de dois anos. Cerca de 32% estavam nos abrigos por um período entre dois e cinco anos. E aproximadamente 13% entre seis e dez anos, e cerca de 6% por mais de dez anos (Silva, 2004).

Os dados revelam que ainda que o acolhimento seja caracterizado como uma medida de caráter provisório, muitas crianças e adolescentes permanecem em acolhimento durante anos, ou seja, apesar do caráter excepcional e provisório da instituição como medida de proteção, algumas crianças permanecem acolhidas por seis meses até seis anos (Cavalcante et al., 2007). Quanto às crianças que vivenciam um acolhimento prolongado, tem-se um quadro bastante preocupante, posto que o tempo de permanência muitas vezes acaba ultrapassando o período estabelecido ao retorno à família da criança, que é de dois anos.

Embora o acolhimento seja considerado necessário em algumas situações, estudos da literatura pontuam que, quanto menor a idade da criança e quanto mais prolongado o tempo de acolhimento, maior a probabilidade de trazer consequências prejudiciais ao desenvolvimento dessas crianças e adolescentes (Fante & Cassab, 2007;

Kreuz, 2012; Sigal, Perry Rossignol & Ouimet, 2003; Siqueira, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2006). Além disso, é prática comum após um longo processo de acolhimento que os familiares, especialmente os pais, se afastem dos filhos (Weber & Kossobudski, 1996) ou a família se reorganize para viver sem eles (Arpini & Quintana, 2009).

Sobre a permanência prolongada na instituição de acolhimento, Kreuz (2012) alerta para as condições desfavoráveis ao bom desenvolvimento da criança. Esta, quando é tolida da convivência familiar pode apresentar dificuldades na atenção individualizada, impedindo o seu desenvolvimento biopsicossocial saudável. Além disso, a rotina rígida da instituição e o convívio com as mesmas pessoas também podem comprometer o desenvolvimento sadio da criança, assim como a limita em suas possibilidades e oportunidades de relações sociais amplas e diversificadas. Conclui sinalizando que a dinâmica institucional pode impossibilitar a criança de enfrentar o mundo fora da instituição, pois este não foi experienciado, sendo desconhecido por ela.

Reforçando a ideia de que o acolhimento prolongado pode trazer consequências negativas ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, Siqueira (2012) ressalta que, ao se investigar o processo de reinserção familiar de adolescentes institucionalizados por até 10 anos, observou-se a dificuldade deles tomarem decisões simples no cotidiano, como fazer compras na mercearia ou pegar um ônibus. Estudos têm demonstrado também, que os jovens com mais tempo de institucionalização podem apresentar menor desempenho escolar e percepção de apoio em sua rede de apoio social e afetiva (Siqueira, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2006; Fante & Cassab, 2007; Silva, 2004).

Um aspecto central no que diz respeito ao longo tempo de permanência, de crianças e adolescentes, em instituições de acolhimento está relacionado ao desvencilhamento dos laços familiares (Silva, 2012).

Além disso, sabe-se que a colocação da criança e do adolescente em família substituta depende, na maioria dos casos, da idade em que se encontra essa criança ou adolescente, um vez que pretendentes à adoção, nacionais e internacionais, preferem, principalmente, crianças com pouca idade, principalmente e com boas condições de saúde (Kreuz, 2012; Vectore & Carvalho, 2008).

Dessa forma, convergindo com a ideia anterior, Kreuz (2012) ressalta uma consequência negativa, para crianças e adolescente, resultantes de um longo período de acolhimento: a quebra de laços afetivos com a família de origem. Nesse sentido, torna-se fundamental conhecer e estudar a estrutura das instituições de acolhimento, suas concepções e práticas, como também o outro lado, a família dessa criança.

A Família na Perspectiva do Modelo Estrutural Sistêmico

Diversas são as áreas e modelos teóricos que investigam a família. Dentre estes, destaca-se a perspectiva estrutural sistêmica, a partir da teoria proposta por Salvador Minuchin, a qual apresenta reconhecidas contribuições ao estudo da família.

De acordo com essa perspectiva, todo fenômeno é um sistema complexo que se caracteriza por interações e relações estabelecidas entre suas partes. Nesse sentido, a família é um sistema em constante transformação ou um sistema que se adapta às diferentes exigências das diversas fases do seu desenvolvimento. A família é vista como um todo coeso, inseparável e interdependente, no qual todas as partes estão relacionadas (P. Minuchin, 1988).

Desse modo, cada comportamento ou mudança de comportamento em um dos membros afeta todos os outros. Ou seja, a família é um sistema complexo, um todo organizado, que é formado por subsistemas (parental, conjugal, fraternal), os quais estão relacionados de forma interdependente (Minuchin, 1990). Cada membro do grupo familiar participa de mais de um subsistema, sendo que a sua adaptação a eles é necessária para o equilíbrio, pois as suas partes estão ligadas através dos vínculos relacionais.

A partir da proposta sistêmica, apreende-se que nenhum sistema pode ser reduzido à simples soma de suas partes, da mesma forma que não se pode conhecer as partes pela disjunção do sistema (Vasconcellos, 2002). Essa perspectiva assumida para um sistema é válida, também, para o estudo da relação entre diversos sistemas, ou seja, os sistemas assumem entre si uma relação de interdependência, assim como suas partes, e é a partir disso que eles se caracterizam e se relacionam.

Baseado nesse modelo, Salvador Minuchin propõe três componentes para se compreender o sistema familiar: a estrutura, os subsistemas e as fronteiras. Para Minuchin, toda família tem uma estrutura, a qual faz referência ao "padrão organizado em que os seus membros interagem (Nichols & Schwartz, 2007, p.183)". Dessa forma, a estrutura tem uma função relevante, pois determina a organização em que as interações familiares ocorrem. Nesse sentido, são sequências comportamentais que se tornam padrões que caracterizam o contexto familiar com o estabelecimento de regras, dos papéis de cada membro e das funções de cada subsistema, regulando o como, o quando e com quem se relacionar (Freitas, 2009).

Assim, na perspectiva sistêmica a noção de estrutura mostra-se fundamental para compreender os sistemas familiares, uma vez que o mesmo não pode ser compreendido

como um conjunto igualitário. Isto ocorre em função de no sistema familiar haver uma distribuição de poder, assim como de papéis e hierarquia (Minuchin, 1982).

Nessa perspectiva a estrutura familiar deve ser compreendida através de duas dimensões básicas, a saber: coesão e hierarquia. A coesão é definida como a proximidade emocional ou o sentimento de vinculação ou apego entre os membros da família (Fisek, 1991; Gehring & Marti, 1993; Gehring, Candrian, Marti & Sarte, 1996; Gehring, Marti & Sidler, 1994; Gehring & Wyler, 1986). Dessa forma, a partir dessa variável pode-se inferir o quanto os membros de um sistema familiar se sentem próximos ou distantes afetivamente uns dos outros (Gehring et al., 1994).

A outra dimensão que compõe a estrutura familiar é a hierarquia, a relação de poder entre as pessoas, subsistemas e gerações, ou ainda, é o grau de influência exercido por um membro da família sobre os demais (Gehring et al., 1996; Minuchin, 1990).

A coesão pode estar relacionada ao bem estar psicossocial de crianças, adolescentes e adultos (Gehring & Marti, 1993). E quanto à hierarquia, alguns estudos ressaltam que o funcionamento familiar saudável é identificado por dois aspectos relacionados a essa dimensão: quando o relacionamento do casal é igualitário e quando os pais têm mais poder e influência do que seus filhos (Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990). Estudos empíricos têm mostrado que em famílias saudáveis os membros são próximos emocionalmente e as relações intergeracionais apresentam-se equilibradas quanto à hierarquia, não sendo igualitária nem muito hierárquicas (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990).

Outro construto da teoria familiar estrutural são os subsistemas, que são as unidades da família, as quais são baseadas em uma função. As famílias são baseadas em subsistemas, os quais são determinados por geração, gênero e função (Nichols &

Schwartz, 2007). Os subsistemas podem ser representados por apenas um dos membros da família, por uma díade (mãe-filho, esposo-esposa), tríade (pai-mãe-filho), ou outros arranjos que podem ser formados dependendo de cada grupo familiar. Além disso, qualquer membro do grupo familiar pode pertencer a diferentes subsistemas ao mesmo tempo, nos quais desempenha papéis, exerce níveis de poder e apreende habilidades (Minuchin, 1990).

O terceiro componente do sistema familiar são as fronteiras, ou seja, as delimitações de cada sistema, que determinam quem participa do sistema e como é esta participação. As pessoas, os subsistemas e todo o sistema familiar são demarcados por fronteiras interpessoais, as quais podem ser compreendidas como barreiras invisíveis que regulam o contato entre os membros e destes com outros contextos. Um exemplo de fronteira pode ser uma regra definida no ambiente familiar, a qual proíbe telefonemas durante o jantar, sendo uma regra que protege a família de intrusões exteriores (Nichols & Schwartz, 2007).

Nesse sentido, as fronteiras são “o lugar das trocas” que controlam a intimidade e as ações conjuntas, ou melhor, são as regras implícitas que abrangem os indivíduos e os subsistemas. Segundo Freitas (2009) as fronteiras são regras responsáveis pelo controle da participação dos membros nos subsistemas e pela definição do papel a ser desempenhado.

As fronteiras interpessoais variam conforme o grau de flexibilidade. A flexibilidade é "a habilidade de se adaptar à coesão e hierarquia determinadas pelas demandas das situações desenvolvimentais e de estresse" (Gehring 1998, p. 14). É importante que os sistemas familiares sejam suficientemente flexíveis para se adaptar às mudanças, já que os problemas familiares surgem em decorrência de uma estrutura

rígida, inflexível, pela dificuldade em se ajustar adequadamente aos desafios maturacionais/situacionais (Minuchin, 1985; Nichols & Schwartz, 2007).

Conforme o grau de flexibilidade as fronteiras podem ser de três tipos, a saber: difusa, rígida e nítida (Gehring, 1998). Se a flexibilidade das fronteiras é alta, as fronteiras são difusas, caracterizadas por excesso de comunicação e preocupação entre os membros do sistema familiar. Dessa forma, observa-se uma menor distância entre os seus membros, caracterizando subsistemas emaranhados. No tocante a esse tipo de sistema, Nichols e Schwartz (2007) explicitam que:

Os subsistemas emaranhados fornecem um sentimento amplo de apoio mútuo, mas à custa da independência e da autonomia. Pais emaranhados são amorosos e atenciosos; passam muito tempo com os filhos e fazem muito por eles. Entretanto, os filhos emaranhados com os pais tornam-se dependentes. Sentem-se menos à vontade sozinhos e podem ter dificuldade em se relacionar com pessoas de fora da família (p. 184).

Se a flexibilidade é baixa, as fronteiras são rígidas, aquelas caracterizadas pelo impedimento de comunicação e as funções protetoras da família são explicitamente restritas, permitindo pouco contato com os subsistemas externos, e, conseqüentemente, um maior distanciamento. Segundo a literatura, esse tipo de fronteira apresenta-se como excessivamente restritiva, proporcionando pouco contato com subsistemas externos, e isso caracteriza um subsistema desligado, com isolamento, com limitação da afeição e da ajuda (Nichols & Schwartz, 2007).

Quando a flexibilidade é média a fronteira é nítida, também chamada de permeável, que é caracterizada como aquela mais adaptativa para o funcionamento da família, pois permite que os membros dos subsistemas mantenham interações com

outros sistemas (como a escola, assim como outras instituições), evitando o isolamento. Os membros do grupo executam suas funções, mantendo boas interações, ao mesmo tempo em que admitem contato entre os membros de diferentes subsistemas. Esse tipo de fronteira é parâmetro útil para a avaliação do funcionamento familiar.

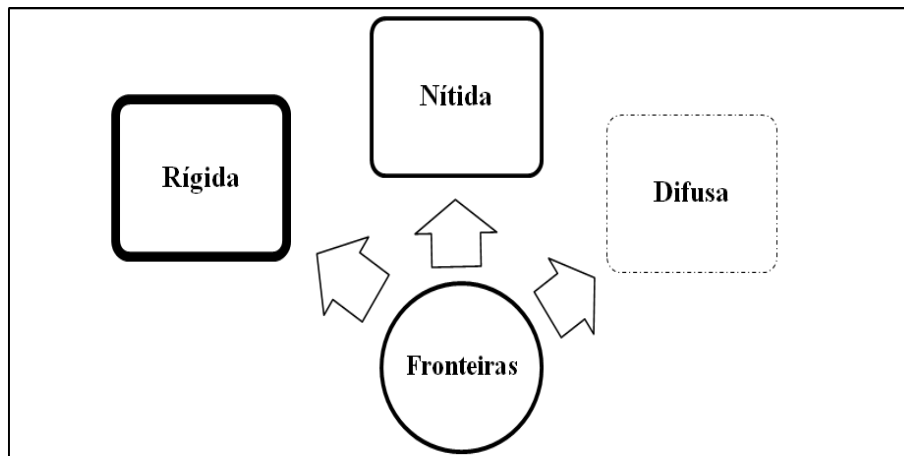


Figura 1. Tipos de fronteiras conforme o grau de flexibilidade.

A flexibilidade das fronteiras mostra-se bastante relevante, uma vez que determina a dinâmica do sistema familiar. Segundo Bucher (2005) citada por Silva (2006), consiste no "movimento que ocorre no interior da estrutura familiar, originado pela estrutura característica de cada grupo, a qual, por sua vez, é influenciada pelo grau de emaranhamento ou distanciamento de suas fronteiras", ou seja, a dinâmica determina o grau de interação entre os membros que compõem o sistema e subsistemas familiares".

Desse modo, ao se utilizar a perspectiva sistêmica, é fundamental para a compreensão do comportamento de uma criança considerar, também, a estrutura e a dinâmica do sistema familiar (Nichols & Schwart, 2007), uma vez que não se pode entender as partes isoladas do todo que as caracteriza. Assim, levando-se em

consideração crianças e adolescentes que encontram-se em situação de vulnerabilidade social, especificamente, os que estão em acolhimento, só se pode entender ou pesquisar suas percepções quando se considera o sistema familiar.

As Famílias de Crianças em Acolhimento Institucional

Dentre as práticas sociais relacionadas aos cuidados de crianças e adolescentes, a inserção destes em instituições, tem sido, historicamente, a solução encontrada para proteger essa população (Sartorelli, 2009). Segundo Guirado (1986), por algum motivo essa população não pode retornar ao convívio familiar, a ponto de ser necessário legislar sobre isso.

Dessa forma, diversos documentos legais e normativas, no cenário nacional e internacional (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948; ECA, 1990; Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, 2006; Quality4Children – Normas para o Acolhimento de Crianças fora de sua Família Bilógica Europa, 2006; Guidelines for the Alternative Care of Children-Organização das Nações Unidas, 2009; Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009; Lei Federal 12.010, 2009), vêm reconfigurando o campo do direito da infância e as práticas da assistência (Rossetti-Ferreira et al., 2011).

Desde o Código de Menores (primeira lei que outorga sobre a criança e adolescente em vulnerabilidade), a legislação referente aos direitos de crianças e adolescentes passa por expressivas mudanças. Dentre estas mudanças, destaca-se o direito à convivência familiar, enfatizado em várias leis, como o ECA, o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à convivência Familiar e Comunitária (2006) e a Lei 12.010.

A partir da década de 1990, com a promulgação do ECA, intensificou-se o olhar para a família, a qual, antigamente, era desconsiderada com a entrada da criança na instituição de acolhimento. Dessa forma “... toda criança e adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família, e excepcionalmente, em família substituta, assegurada à convivência familiar e comunitária...” (ECA, cap.3, art.19).

Nessa perspectiva, mais recentemente criou-se o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à convivência Familiar e Comunitária (Brasil, 2006). Esse dispositivo apresenta grande relevância, uma vez que a fundamentação para a sua elaboração justificou-se pela necessidade de uma política de Estado, que fortalecesse aquelas famílias que tinham filhos em situação de acolhimento, além de potencializar ações voltadas à reinserção familiar (Siqueira, 2012).

Dessa forma, esse documento oferece estratégias, objetivos e diretrizes fundamentados principalmente na prevenção à quebra dos vínculos familiares. Para tanto, incentiva a qualificação do atendimento dos serviços de acolhimento, o investimento para o retorno ao convívio familiar, como prioridades frente ao encaminhamento da criança ou adolescente para a família substituta, que ocorre após esgotadas todas as possibilidades de permanência na família biológica.

Mais recentemente, em 2009, surgem as Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (Brasil, 2009). Nele encontram-se os princípios, as orientações metodológicas e os parâmetros de funcionamento para as diversas modalidades de serviços de acolhimento que deverão guiar o funcionamento desses serviços para crianças e adolescentes. Este documento traz parâmetros para o reordenamento das instituições de acolhimento, visando subsidiar a regulamentação dos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes (Rossetti-Ferreira et al., 2011).

Além da Lei 12.010 (Brasil, 2009) ou Nova Lei Nacional da Adoção trouxe mudanças nas práticas do acolhimento e dos serviços de acolhimento institucional. Dentre essas alterações destaca-se a exigência da elaboração do PIA (Plano Individual de Atendimento), o plano das estratégias e ações a serem desenvolvidas para cada acolhido, com a realização de um estudo de caso, o qual deve levantar as particularidades, potencialidades e necessidades singulares dos acolhidos institucionalmente, com a avaliação das condições da família, seus recursos e suas dificuldades (Rossetti-Ferreira et al., 2011). De acordo com a esta lei, a elaboração do PIA deve ser iniciada logo que a criança chega à instituição, visando à saída do acolhido.

Esta lei complementa ou redefine o campo das leis relacionadas a crianças e adolescentes em acolhimento, reafirma o afastamento da família e o acolhimento como últimas alternativas, buscando-se sempre outras medidas antes do acolhimento, propõe a escuta da criança/adolescente, assim como a elaboração de um PIA, além de delimitar o tempo de permanência na instituição para dois anos, com avaliações periódicas dos casos, visando, com isso, evitar que a criança passe longo tempo na instituição, possibilitando a convivência familiar, seja com o retorno à família de origem, extensa ou adotiva (Brasil, 2009).

Dessa forma, observa-se o destaque para o papel da família na vida da criança e do adolescente em acolhimento como elemento que é indispensável dentro do processo de proteção integral, promoção e defesa dos direitos dos mesmos. O IPEA estima que do total de crianças e adolescentes que vivem em instituições de acolhimento no Brasil, aproximadamente 87% deles têm uma família, com mais da metade (58%) mantendo vínculo com seus familiares (Silva, 2004).

Nesse sentido, Arpini e Quintana (2009) ressaltam que:

O futuro de uma criança e de um adolescente e suas experiências em um abrigo não podem ser compreendidas sem que voltemos o olhar sobre suas famílias de origem. Isso se justifica pelo fato de considerarmos que a relação entre infância, adolescência, família e instituição nunca deixou de estar presente, embora tenha sido, por muito tempo, pouco explorada (p. 09)

Verifica-se que a maioria das crianças e dos adolescentes em acolhimento no Brasil têm uma família, com apenas uma minoria sem. Dessa maneira, a ideia de orfandade vinculada às crianças em acolhimento é incoerente com a realidade das instituições de acolhimento brasileiras, em sua maioria.

Na primeira década do século XXI as práticas adotadas com relação à família limitavam-se a institucionalização da criança e do adolescente. Essas práticas poderiam fortalecer a concepção da incompetência da família em cuidar, ressaltando, dessa forma, a necessidade de manter a criança afastada de sua família através da internação na instituição de acolhimento (Azôr & Vectore, 2008). No entanto, no Brasil, muitas vezes, o motivo para o acolhimento de crianças vai além da "incompetência" da família, estando relacionado ao desejo dos pais de que os filhos desenvolvam-se, oportunizado a eles uma condição de vida melhor do que as suas. Nesse sentido, pode-se observar que em algumas situações, os genitores são tomados pelo sentimento de dar oportunidade ao filho como justificativa para deixá-lo na instituição de acolhimento (Arpini & Quintana, 2009).

Dessa forma, parece necessário deixar de lado a invisibilidade da família de origem dessas crianças e adolescentes em vulnerabilidade, ao longo do processo de acolhimento. Além de leis e normativas, alguns estudos abordam a família em uma perspectiva que busca enfatizar a relevância desse sistema na vida da

criança/adolescente (Arpini & Quintana, 2009; Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner, 2011; Polli & Arpini, 2012; Siqueira, 2012; Vectore & Carvalho, 2008).

Azôr e Vectore (2008) visaram conhecer o papel desempenhado pelas famílias de adolescentes que viveram em uma instituição de acolhimento do município de Uberaba (MG), durante o processo de institucionalização/desinstitucionalização. Participaram do estudo cinco famílias que já haviam recuperado a guarda dos filhos. O estudo mostrou que as causas que levam ao abrigo são multifatoriais, associadas a pobreza, carência de rede de apoio, sócio-psicológica para a família, ausência da figura paterna e desestruturação familiar. O período de institucionalização apresentou-se como doloroso para filhos e genitores. O trabalho das instituições envolvidas, o desejo dos adolescentes de sair do abrigo e a reestruturação financeira das famílias foram fatores que auxiliaram no desligamento dos acolhidos (Azôr & Vectore, 2008).

Outro estudo relacionado à temática foi o de Vectore e Carvalho (2008). Realizaram uma pesquisa objetivando compreender o contexto de um grupo de crianças que vivia em acolhimento institucional. Os dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas permitiram identificar uma variedade de percepções e ações dos profissionais que faziam parte da equipe técnica da instituição no que diz respeito ao cuidado à criança em acolhimento. No tocante aos vínculos das crianças com suas famílias de origem, destacaram o modo como a família era vista no pelos técnicos da instituição: "pessoas inúteis", "difíceis de confiar", "desinteressadas", "acomodadas", vocábulos frequentes nos discursos da equipe de técnicos, ressaltando a relevância dos vínculos no acolhimento de qualidade para crianças em situação de risco.

Além disso, através das falas dos técnicos da instituição, verificou-se que a criança em acolhimento tinha um espaço restrito para manifestar os seus desejos e necessidades, de se fazer ouvida e compreendida, sujeitando-se sempre à rotina da

instituição. Nesse sentido, concluíram que "é imprescindível dar voz à criança, de modo que possa se expressar, por meio da ampla variedade de linguagens (p.447)". Salientaram ainda que há uma tendência, nas pesquisas com crianças, em reconhecer a sua potencialidade e a sua possibilidade de expressão de suas particularidades e necessidades. Desse modo, estudos que permitam ouvir a criança em acolhimento, levando em consideração suas percepções são bem-vindos e necessários (Vectore & Carvalho, 2008).

Percepções de Crianças em Acolhimento Institucional sobre Família

A opinião das crianças deve ser considerada em decisões que afetem o seu bem-estar ou posição na vida (Declaração dos Direitos das Crianças, 1989). Nessa perspectiva, hoje se considera a criança como colaboradora de pesquisa com direito à voz (Campos, 2008; Rossetti-Ferreira et al., 2011; Sólton, Costa & Rossetti-Ferreira, 2008).

Se antes, para coletar informações sobre elas, os adultos eram ouvidos, agora se acredita que uma das melhores formas de conhecer mais sobre a criança é falar diretamente com ela. Assim, no contexto atual, de reconhecimento da criança, é necessário que ela seja valorizada como fonte fidedigna de informações sobre si mesma (Grazella & Serrano, 2008).

Dessa forma, Bronfenbrenner (1996/2011) ressalta a experiência dos participantes de pesquisa, visto que ao se tratar de seres humanos, não é possível separar os elementos subjetivos dos objetivos, a realidade não é exclusivamente objetiva. Sendo assim, as pessoas não respondem e interferem sobre o ambiente físico, mas sim ao ambiente tal como é percebido e experienciado (Bronfenbrenner, 2011). Assim, investigar as percepções de crianças em situação de acolhimento institucional sobre

família torna-se relevante na medida em que contribuirá nas discussões científicas sobre o desenvolvimento infantil, família e institucionalização.

Vários estudos, como o de Bronfenbrenner (1996) tem enfatizado o tema percepções em suas investigações. De acordo com Bronfenbrenner (1996), a percepção consiste na maneira subjetiva que o indivíduo tem de ver e entender o mundo, especialmente as relações humanas e os papéis das outras pessoas e o seu próprio em um contexto específico.

Nesse sentido, a percepção está associada às relações que se estabelecem e aos papéis desempenhados e observados pelo indivíduo no contexto do qual faz parte (Bronfenbrenner, 1996). Além disso, no que tange à subjetividade, afirma que o desenvolvimento do mundo de fantasia da criança enfatiza o fato de que suas percepções e atividades emergentes não são meramente resultado daquilo que ela vê, mas tem um aspecto ativo, criativo (Bronfenbrenner, 1996).

Segundo Bronfenbrenner (1996), o comportamento e o desenvolvimento não se restringem aos aspectos da realidade tal qual ela se apresenta no mundo objetivo, mas comportam aspectos de como a realidade se configura na mente da pessoa. A realidade está centrada na maneira como o meio ambiente é percebido pelos seres humanos que interagem dentro dele e com ele. O autor, portanto, considera o mundo da imaginação - irreal- como um aspecto realmente significativo para a percepção do meio ambiente.

Pesquisas nacionais e internacionais foram realizadas com foco nas percepções de crianças sobre família (Moreira, Carvalho & Rabinovich, 2010; Nardi & Dell’Aglío, 2012; Roe et al., 2006; Sturges et al., 2001) em diversos contextos.

Rabinovich e Moreira (2008) visaram conhecer os significados que crianças paulistas, de diferentes camadas sociais e locais, atribuem à sua família. Para tanto,

utilizaram o desenho qualitativo, com roteiro semiestruturado de entrevista individual. Os resultados indicaram que as crianças desfavorecidas socioculturalmente atribuíram um significado à família baseado no afeto e as de nível sociocultural elevado priorizaram a convivência. Para as do interior o pai foi descrito como divertido e companheiro, pelas crianças socioculturalmente desfavorecidas. Os avós foram positivamente retratados por todas as crianças. Os irmãos foram figuras altamente significativas.

Em outro estudo, de Moreira, Rabinovich e Silva (2009), foram investigados os significados que crianças baianas atribuíam à família. A partir de entrevistas individuais com as crianças, obteve-se os seguintes resultados: os participantes destacaram os cuidados e o aspecto afetivo na definição de família. As concepções de mãe mais enfatizadas foram as de cuidadora do filho, educadora e aquela que cuida de tudo. O aspecto lúdico foi mais destacado no pai do que na mãe, por outro lado. As categorias provedor e trabalhador foram mais frequentes no pai. Os irmãos foram considerados relevantes. O avô e a avó também foram relevantes.

Carvalho, Moreira e Rabinovich (2010), ao analisarem os resultados dos dois últimos estudos, verificaram que a concepção da criança sobre quem faz parte da família está relacionada mais à convivência com outros parentes do que apenas a coabitação. O pai foi concebido como aquele que brinca e educa, a mãe como aquela que cuida e dá amor, o irmão é aquele que brinca, faz birra, ajuda e acompanha. Os avós também foram percebidos como significantes, corroborando os resultados dos estudos anteriores.

Seguindo a mesma temática, Nardi e Dell'Aglio (2012) investigaram as percepções de adolescentes em conflito com a lei. Para tanto, utilizaram uma entrevista semiestruturada, o genograma e o FAST. Os resultados do FAST revelaram estruturas familiares instáveis e desequilibradas. A mãe e as irmãs foram percebidas como figuras

de apoio presentes, representando um importante fator de proteção. Ressaltaram também a importância da compreensão da forma de funcionamento dessas famílias, no concernente à hierarquia, coesão e práticas educativas.

Pelisoli, Teodoro e Dell’Aglío (2007) objetivaram investigar a percepção de família em duas irmãs gêmeas de 12 anos, vítimas de abuso sexual intrafamiliar. Para isso utilizaram como instrumentos uma entrevista semi-estruturada e instrumentos sobre família como o FAST, o Teste de Identificação da Família (Family Identification Test - FIT) e o Familiograma. Os resultados do estudo apontaram para uma baixa coesão familiar, alta hierarquia com alto poder dos abusadores, baixa autocongruência e identificação com o agressor em ambas as meninas, assim como a escolha da mãe como modelo a ser seguido. A afetividade, descrita em relação a cada membro da família variou de baixa a média. Já o conflito variou de baixo a alto. A entrevista revelou indicadores de tendência ao isolamento, baixa auto-estima, atitudes agressivas, sentimentos de culpa, medo e vergonha.

Compartilhando da ideia da criança como colaboradora de pesquisa com direito à voz (Rossetti-Ferreira et al., 2011), e refinando o foco de investigação para as crianças que se encontram em acolhimento institucional, questiona-se que percepções elas podem apresentar sobre família, mesmo estando afastadas desse ambiente?

Polli e Arpini (2012) objetivaram conhecer a representação familiar de crianças de grupos populares, pertencentes a um projeto socioeducativo em Santa Maria (RS). Os participantes eram todos do sexo masculino, na faixa etária entre oito e 12 anos. O estudo utilizou a técnica do desenho-história, destacando que a família extensa é uma realidade presente no contexto das crianças de grupos populares, corroborando estudos anteriormente realizados. Ressaltaram a percepção das crianças, evidenciando que, para

elas, a representação da família extensa é significativa enquanto organização das relações afetivas e de cuidado da família.

O estudo de Lira (2012) buscou investigar a significação sobre família em crianças acolhidas institucionalmente na cidade do Recife. Em sessões vídeogravadas, grupos de quatro ou cinco crianças brincaram de família em um cenário lúdico, desempenhando personagens que admitissem integrar uma família. Os resultados demonstraram processos de significação como construções microgenéticas no aqui e agora das interações, as quais se apresentam imprescindíveis enquanto recombinação de significados advindos dos distintos parceiros interacionais imersos em um contexto sócio-histórico.

Em estudo realizado em Portugal, Cunha (2008) investigou as representações que crianças e adolescentes institucionalizados formam sobre família, institucionalização e adoção. A faixa etária dos participantes variou entre seis e 16 anos. Dentre os resultados a autora destaca que para a maioria dos participantes a família ocupa um lugar central e é considerada como muito importante para a vida e desenvolvimento de qualquer criança. A maioria expressa o desejo em retornar à família de origem. Além disso, os participantes têm uma representação de família muito positiva, tratando-se, na maioria, de uma família idealizada que não corresponde, de forma alguma, à realidade. Conclui que as crianças em acolhimento elaboram representações sobre a família parecidas às das crianças inseridas em ambientes familiares.

O estudo de Machado (2009) investigou o significado que as crianças em acolhimento atribuem à sua família e como são as relações entre a criança em acolhimento e sua família em uma instituição municipal do Rio Grande do Norte. Participaram do estudo três crianças, sendo duas do sexo masculino e um do sexo

feminino, com idade entre sete e 11 anos. Dentre os resultados encontrados, a autora enfatiza que a família se fundamenta principalmente na existência de laços afetivos, independente das relações de parentesco.

Martins e Szymanski (2004) também investigaram como a família era apresentada por crianças que viveram na extinta Febem, de São Paulo. Participaram da pesquisa dez crianças com idades entre cinco e oito anos. Por meio de observação, foram analisados vários episódios de brincadeira livre das crianças, que se referiam à brincadeira de casinha em uma sala de brinquedos. A análise dos dados apontou que, mesmo não estando com suas famílias, as crianças apresentaram um sistema familiar nos moldes do modelo nuclear.

Yunes, Arrieche, Tavares e Faria (2001) investigaram o que pensavam crianças e adolescentes sobre família e como acontecia a relação deles com seus grupos familiares. Foram entrevistados 50 crianças e adolescentes, na faixa etária entre 12 e 17 anos, maioria do sexo masculino, que estavam vivendo em instituições de acolhimento e nas ruas. Através de um questionário semiestruturado verificaram que as famílias eram monoparentais, com sua dinâmica liderada pela mãe e participação do pai percebida como superficial e de pouca proximidade afetiva. Observaram oscilações na forma de conceber a família idealizada e a vivida, principalmente as crianças e adolescentes que vivem nas instituições.

Os estudos apontaram que a noção de família ganha novos significados de acordo com as mudanças do contexto em que a criança se insere. Além disso, a existência de vários padrões e configurações familiares, assim como as várias maneiras que a criança em acolhimento percebe sua família, pode influenciar de forma positiva ou negativa o seu desenvolvimento.

Os estudos explicitaram, também, um aspecto que vem sendo destacado na literatura: que as experiências de crianças em acolhimento só podem ser compreendidas quando se leva em consideração as suas famílias (Arpini & Quintana, 2009; ECA, 1990; Kreuz, 2012; Rossetti-Ferreira et al., 2011; Siqueira, 2012), uma vez que a relação entre infância, família e instituição sempre existiu, muito embora tenha sido, em vários momentos da história, pouco considerada (Arpini & Quintana, 2009). Antigamente, a análise da família era desconsiderada, com a entrada da criança na instituição de acolhimento.

Vários estudos foram realizados com foco nas percepções de crianças sobre família. Assim, investigar as percepções de crianças em situação de acolhimento institucional sobre família torna-se relevante na medida em que contribui nas discussões científicas sobre o desenvolvimento infantil, a família e a institucionalização. Sobre isso, atualmente, a academia voltou-se ainda mais ao ambiente institucional, investigando inúmeros contextos, desde o funcionamento institucional até percepções de família e vivência institucional (Cunha, 2008; Martins & Szimanski, 2004; Siqueira e Dell'Aglio, 2006; Trivellato, Carvalho & Vectore, 2013; Vectore & Carvalho, 2008).

Esta pesquisa adotou como referencial o modelo estrutural sistêmico (Minuchin, 1990), que vem contribuindo para os estudos referentes à família (Nichols & Schwartz, 2007). Na perspectiva sistêmica o todo é sempre maior que a soma de suas partes, e, nesse sentido, não há como entender o comportamento de uma criança sem levar em consideração sua família (Nichols & Schwartz, 2007). Da mesma forma, levando-se em consideração crianças e adolescentes que encontram-se em situação de acolhimento institucional, não se pode entender ou pesquisar suas percepções excluindo o sistema familiar (Arpini & Quintana, 2009).

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar as percepções de crianças em acolhimento institucional quanto à estrutura e à dinâmica familiar.

Objetivos Específicos

- Caracterizar sócio-demograficamente as crianças em acolhimento institucional;
- Analisar as verbalizações de crianças em acolhimento sobre suas famílias real e ideal;
- Analisar as verbalizações das crianças sobre suas famílias em uma situação de conflito.

Método

Delineamento

Esta pesquisa apresenta delineamento de estudo de casos múltiplos, o qual permite compreender mais de um fenômeno social complexo (Yin, 2005), a fim de descrever a estrutura familiar de crianças em acolhimento, a partir de suas percepções. "Os estudos de casos múltiplos são aqueles em que o pesquisador estuda conjuntamente mais de um caso para investigar determinado fenômeno" (Gil, 2010, p. 119).

Participantes

Fizeram parte do estudo nove crianças, quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino, na faixa etária de seis a sete anos, as quais viviam no Espaço de Acolhimento Provisório Infantil (EAPI). O critério de seleção dos participantes foi ter no mínimo seis anos no período da coleta de dados, atendendo ao limite mínimo de idade proposto pelo teste, e apresentar desenvolvimento típico. Foram excluídas as crianças com idades inferiores a seis anos, que apresentaram alguma deficiência ou algum transtorno psiquiátrico, com o intuito de garantir condições para o entendimento do instrumento de pesquisa.

Contexto da pesquisa: a instituição de acolhimento

A pesquisa foi realizada em uma instituição governamental, vinculada à Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), órgão do Governo do Estado do Pará. Sua origem está ligada à promulgação da Lei Estadual N.º 5.789/93, que criou e determinou seu funcionamento como instituição de acolhimento infantil. Em 1994, a instituição passou a desenvolver programas de assistência através da proteção especial a crianças de zero a seis anos, conforme determina o ECA. Está localizada na periferia de Belém.

A instituição está organizada em cinco setores, a partir dos quais os funcionários dividem a responsabilidade pelo atendimento à criança em tempo integral. Os setores são os seguintes: social, médico/enfermagem, nutricional, pedagógico e administrativo. Funciona em sistema de acolhimento institucional, em grandes grupos, em média de 60 crianças por dia, embora tenha sido estruturado para acolher no máximo 50, incluindo os recém-nascidos. E conta com um total de 183 funcionários para atender esta clientela.

Por abrigar crianças com idades diferentes, a instituição dispõe de espaços que estão organizados para responder às demandas específicas de cada faixa etária. Desse modo, as crianças são distribuídas por dormitórios, obedecendo-se critérios como idade ou condição de saúde.

No Dormitório 1 estão as crianças de 1 dia até cinco meses. No Dormitório 2 estão as de seis a 11 meses. No 3 estão as que têm de 12 a 23 meses. No 4 estão as de dois anos. No Dormitório 5, as de três anos. No 6 ficam as crianças de quatro anos. No 7 as crianças de cinco e seis anos. Em alguns casos, a instituição chega a atender crianças de até oito anos, dependendo da situação, especialmente em casos de grupos de irmãos.

Ambiente da coleta

Foi utilizada uma sala da instituição de acolhimento, disponibilizada para a pesquisa, medindo aproximadamente 2 m², a qual tinha uma janela de cor azul com vidro na parte superior e um ventilador pendurado no teto. Na sala permaneciam um armário de madeira amarelo, onde eram guardados os materiais utilizados na coleta de dados, duas cadeiras vermelhas, as quais ficavam dispostas de frente para uma mesa de madeira amarela e retangular, onde foi realizada a caracterização dos participantes.



Figura 2. Foto ilustrativa da sala de coleta de dados.

Instrumentos e materiais

Formulário adaptado por Cavalcante (2008)

O formulário foi um instrumento originalmente elaborado por Weber e Kossobudski (1996) para verificar a condição psicossocial de crianças em acolhimento institucional e instituições similares. Ressalta-se que foi utilizado o formato adaptado por Cavalcante (2008), em sua terceira versão, o qual contém perguntas abertas e fechadas e de múltipla escolha, distribuídas em torno das seguintes seções: dados pessoais (seis itens), dados escolares (quatro itens), situação familiar (seis itens), histórico de institucionalização (12 itens), situação jurídica institucional atual (sete itens) e saúde da criança (17 itens) (Apêndice A).

Family System Test (FAST)

O FAST foi originalmente elaborado por Gehring (1993). O teste objetiva descrever e analisar a estrutura das relações familiares (relações entre pais, irmãos e pai/mãe-filho), a partir das variáveis coesão e hierarquia, proporcionando uma avaliação quantitativa e qualitativa das relações familiares.

O instrumento é constituído por um tabuleiro monocromático (45 cm x 45 cm) dividido em oitenta e um quadrados (5 cm x 5 cm); doze figuras em madeira (8 cm), sendo seis masculinas e seis femininas; dezoito blocos cilíndricos em madeira em alturas diferentes (1,5 cm, 3 cm e 4,5 cm); um protocolo (Apêndice B) e um manual de aplicação e análise do FAST.

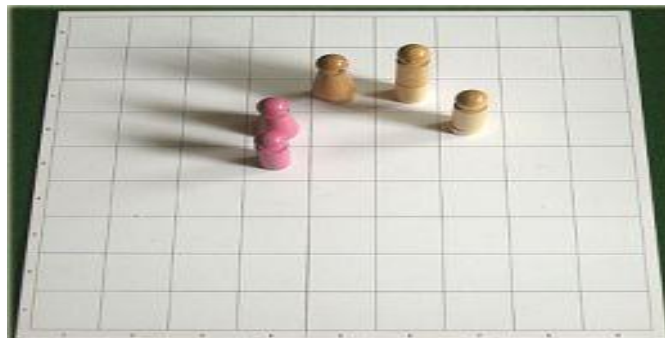


Figura 3. Materiais de aplicação do FAST.

Foram utilizados os seguintes materiais: folhas de papel A4, caneta, máquina filmadora para captura das imagens e falas da aplicação do FAST, computador para armazenamento das imagens e tratamento dos dados. Material do FAST: tabuleiro, bonecos cilindros de madeira e o protocolo de aplicação.

A literatura apresenta também que estudos mais recentes vêm utilizando o Family System Test (FAST). O teste ainda não foi validado no Brasil, entretanto, vem sendo utilizado por vários pesquisadores (De Antoni, 2005; Falcão & Bucher-Maluschke, 2009; Freire, Silva & Pontes, 2012; Freitas, Silva & Pontes, 2012; Nardi & Dell'Aglio, 2012; Pelisoli, Teodoro & Dell'Aglio, 2007) em algumas instituições, demonstrando a sua utilidade na avaliação de famílias no que diz respeito à estrutura das relações familiares (relações entre pais, irmãos e pai/mãe-filho).

Dessa forma, o instrumento mostrou-se sensível a várias situações e contextos, como em contexto de famílias de crianças com necessidades educacionais especiais (Freitas, 2009), famílias ribeirinhas (Freire et al, 2012), assim como em instituições de

acolhimento (Nardi & Dell'Aglio, 2012; Pelisoli et al., 2007; Siqueira, 2006). No entanto, não foi identificada a aplicação do instrumento em crianças acolhidas na faixa etária entre seis e oito anos, as quais, muitas vezes, podem estar com os vínculos familiares enfraquecidos.

Procedimento de Coleta de Dados

Para a efetiva realização deste estudo, obteve-se autorização judicial para realização de visitas sistemáticas à instituição, favorecendo o livre acesso às dependências da instituição, aos arquivos com documentos sobre a trajetória de vida e a condição sócio-demográfica das crianças. A submissão do projeto ao Comitê de Ética em pesquisa foi feita concomitante com a solicitação de autorização judicial.

Após a autorização judicial (ofício nº 222/2011 - Apêndice C) e do comitê de ética (parecer nº 146/11 - Apêndice D), a pesquisadora passou a frequentar o ambiente institucional, com o objetivo de estabelecer contatos iniciais com os participantes, por meio de abordagem individual para apresentar os objetivos e o método do estudo proposto, e, com isso, motivar a participação das crianças. Também, neste primeiro momento, objetivou-se fazer registros preliminares sobre os espaços e a rotina institucional por meio de observações, onde foram verificados aspectos relacionados à organização do espaço físico, aos horários e regras vigentes e à rotina de cuidado às crianças. A pesquisadora frequentava, pelo menos três vezes por semana os dormitórios destinados as crianças de seis a oito anos. O período de habituação ocorreu em, aproximadamente, um mês.

Em seguida, os dados referentes às crianças foram preenchidos no formulário adaptado por Cavalcante (2008), de acordo com: Identificação (sexo, cor da pele, idade) e Processo de ingresso na instituição de acolhimento (condições físicas em que chegou a

instituição, motivo do acolhimento, situação legal, o tempo de permanência no local; dados gerais sobre a situação sócio-familiar, saúde física antes e durante a permanência na instituição). Tais dados foram preenchidos a partir das informações contidas nos prontuários dos participantes, sendo uma etapa documental da pesquisa.

A última etapa da coleta de dados deu-se pela aplicação do FAST. Antes de iniciar sua aplicação a pesquisadora arrumava a sala: colocava os bonecos, os cilindros e o tabuleiro, assim como o protocolo e uma caneta em cima da mesa. Preparava a câmera ao lado da mesa na posição de iniciar a filmagem. Em seguida, a pesquisadora buscava o participante no dormitório. Quando o participante entrava na sala a pesquisadora trancava a porta e a janela, de modo que nenhum estímulo interferisse. O participante sentava, a pesquisadora ligava a câmera e a sessão iniciava.

O instrumento era apresentado ao participante, pela pesquisadora dando as seguintes instruções: “Esses bonecos são peças do jogo que representarão pessoas do sexo masculino e feminino da sua família”. Enquanto a pesquisadora dava as instruções mostrava as peças do teste ao participante. “Cada boneco poderá ocupar somente um quadrado do tabuleiro. Quanto mais próximos os bonecos mais eles se gostam e quanto mais cilindros você colocar embaixo deles, mais você os obedece em casa. Em seguida, a pesquisadora solicitava ao participante que representasse a sua família em três situações distintas: típica, idealizada e de conflito.

No momento da aplicação do teste a pesquisadora preencheu o protocolo, com dados referentes ao nome do participante, data em que o teste fora aplicado, o grau de parentesco, idade de cada familiar representado, posição e altura de cada boneco no tabuleiro nas três representações, além do tipo de conflito e sua frequência. Ao finalizar a tarefa, o participante agrupava as peças fora do tabuleiro, deixando-o livre para a

próxima representação. A pesquisadora salvava o vídeo e desligava a câmera e, em seguida, deixava o participante em seu dormitório.

Procedimento de Análise de Dados

Dos dados contidos no formulário adaptado por Cavalcante (2008), foram selecionados para análise, os seguintes: sexo, idade, escolaridade, motivo do acolhimento, tempo de permanência da criança na instituição de acolhimento, permanência de irmãos na mesma instituição e visita (quem visita e sua frequência). Esses dados foram inseridos no Programa Exel da Microsoft.

Os dados referentes à aplicação do FAST foram analisados de acordo com o manual de aplicação e análise do teste (Gehring, 1998), e com as transcrições de suas filmagens, de modo a permitir a identificação das percepções dos participantes referente à sua estrutura (de acordo com a coesão e a hierarquia) e dinâmica familiar (de acordo com a flexibilidade).

As variáveis coesão e hierarquia foram analisadas nas três representações (típica, ideal e de conflito) para todos os sistemas (parental, fraternal e familiar). A coesão foi calculada pela proximidade entre as pessoas representadas no tabuleiro. Um quadrado imaginário 3x3 foi feito sobre a posição dos bonecos no tabuleiro, enquadrando o maior número de bonecos, como pode ser visualizado na figura a seguir:

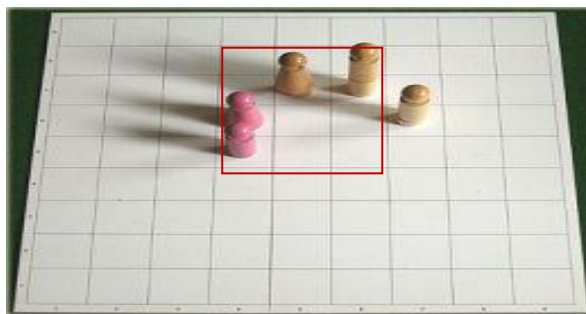


Figura 4. Foto ilustrativa da análise do score de coesão.

De acordo com o manual de Gehring (1998), se todas as figuras permanecerem dentro do quadrado 3x3 o escore de coesão, geralmente, será classificado de médio a alto. Porém, caso qualquer figura esteja fora desse quadrado, o escore de coesão será considerado baixo. O FAST foi construído para analisar a família nuclear. Dessa forma, quando se trabalha com uma representação que tem um número grande de pessoas o instrumento apresenta certa limitação, pois o número máximo de membros representados é seis (Gehring, 1998).

A hierarquia foi calculada pela quantidade e tamanho de cilindros colocados embaixo do boneco (Alta: 3; Média: 2; Baixa: 1).

A interpretação dos dados foi realizada de acordo com o cruzamento dos escores de coesão e hierarquia percebidos pelo participante, os quais permitiram a classificação da família em três tipos: equilibrada, instável ou desequilibrada, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 1. Tipos de estrutura familiar de acordo com os escores de coesão e hierarquia.

Estrutura Familiar	Escore de coesão e hierarquia
Equilibrada	Coesão e Hierarquia Médias Coesão Alta x Hierarquia Média
Instável	Coesão Média x Hierarquia Baixa Coesão baixa x Hierarquia Média Coesão Média x Hierarquia Alta
Desequilibrada	Coesão baixa x Hierarquia Baixa Coesão baixa x Hierarquia Alta Coesão Alta x Hierarquia Baixa Coesão Alta x Hierarquia Alta

No tocante à dinâmica familiar, esta foi identificada pelos escores de flexibilidade, fazendo a comparação de coesão e hierarquia, tanto no nível familiar quanto nos subsistemas, nas diferentes representações. O cálculo da flexibilidade

envolveu a subtração do escore da representação ideal ou de conflito da representação típica. Quando essa subtração foi igual a um o escore foi baixo, quando foi igual a dois o escore foi médio e o quando foi três, o escore foi alto. Além disso, quando a diferença foi igual a zero pontos, indicou que não houve mudança da representação típica para a ideal ou da típica para a representação de conflito (Gehring, 1998). De acordo com os escores de flexibilidade, as fronteiras intergeracionais foram classificadas em três tipos: rígidas, nítidas e difusas. Quando o escore de flexibilidade foi igual a zero ou um a fronteira foi rígida. Quando a flexibilidade foi igual a dois a fronteira foi nítida. E quando a flexibilidade foi igual a três a fronteira foi difusa.

Resultados e Discussão

Os dados foram apresentados em dois momentos, a saber: a caracterização dos participantes, com sua trajetória de acolhimento e os resultados da aplicação do FAST para cada subsistema (familiar, parental e fraternal) em cada representação (típica, ideal e de conflito).

Caracterização dos Participantes e sua Trajetória de Acolhimento

A tabela 1 ilustra a caracterização de cada participante por sexo, idade, escolaridade, motivo do acolhimento, tempo de permanência na instituição de acolhimento e existência de irmãos na instituição.

Tabela 1

Caracterização dos participantes por sexo, idade, escolaridade, motivo do acolhimento, tempo de permanência e irmãos na instituição.

Participantes	Sexo	Idade	Escolaridade	Motivo Acolhimento	Tempo de Acolhimento	Irmãos /Quantos
Alice	Feminino	6 anos	1º ano/9	Abandono/negligência/ uso drogas da genitora e padrasto	18 meses	Sim (3)
Bruna	Feminino	6 anos	1º ano/9	Abandono/genitora e avó usuárias álcool e droga	15 meses	Não
José	Masculino	7 anos	SF*	Negligência	7 meses	Sim (3)
Márcio	Masculino	6 anos	SF*	Abandono/negligência	7 meses	Não
André	Masculino	7 anos	SF*	Abandono	2 meses	Sim (2)
Eliane	Feminino	6 anos	SF*	Abandono/negligência	3 meses	Sim (1)
Maria	Feminino	6 anos	1º ano/9	Violência Física	4 meses	Não
Sandra	Feminino	6 anos	1º ano/9	Violência Física	4 meses	Não
João	Masculino	6 anos	1º ano/9	Abandono	3 meses	Não

* SF: Sem Informação

A maioria dos participantes é do sexo feminino (cinco), todos na faixa etária de seis anos. Dos meninos (quatro) dois tinham seis anos e dois sete anos. No tocante à faixa etária da amostra, o resultado encontrado diverge ao da literatura, a qual, à nível regional, mostrou que, nessa faixa etária, contempla em maior número meninos entre seis e 11 anos (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013).

Quanto aos dois participantes (José e André) que ultrapassaram a faixa etária da instituição, verificou-se que a justificativa para suas permanências estava em função da manutenção da vinculação entre irmãos, corroborando o estudo de Serrano (2011). Todavia, a instituição utilizava como critérios para alojar as crianças a faixa-etária, o que acabou desmembrando os irmãos dentro da instituição de acolhimento. Serrano (2011), sugere que se reveja a idade como um dos critérios de atendimento, visando a manutenção dos grupos de irmãos na mesma instituição, atendendo ao que é preconizado na lei (ECA, 1990; Nova Lei de Adoção, 2009).

No tocante à escolaridade, constatou-se que todas as crianças estavam regularmente matriculadas em escolas públicas próximas à comunidade, onde fica localizada a instituição de acolhimento, o que evita o deslocamento da criança, para longas distâncias, assim como preserva e fortalece a convivência comunitária, corroborando a literatura, segundo a qual para garantir o atendimento adequado às crianças e adolescentes acolhidos, deve haver a preservação e fortalecimento da convivência comunitária (Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009).

Com relação ao motivo do acolhimento, a maioria dos participantes foi acolhida em função de abandono e negligência por parte dos pais/cuidadores, confirmando os achados do relatório do Ministério Público sobre Acolhimento (Conselho Nacional do

Ministério Público, 2013), de que a maioria das causas do acolhimento ocorre em função de negligência dos pais ou responsáveis (80%).

Dois participantes (Maria e Sandra) apresentaram como causa do acolhimento a violência doméstica. Outros dois (Alice e Bruna), além do abandono e da negligência apresentaram também a dependência de álcool/drogas por parte dos pais ou responsáveis, confirmando a literatura, a qual explicita que dentre os motivos que justificam o acolhimento de crianças e adolescentes, a maioria ocorre em função de mais de um motivo (Cavalcante et al., 2007; Conselho Nacional do Ministério Público, 2013; Kreuz, 2012, Lounds et al., 2006; Silva, 2004). Além disso, atualmente, o aumento de acolhimentos de crianças e adolescentes está relacionado de forma significativa à dependência química e ao alcoolismo dos pais ou responsáveis (Kreuz, 2012).

A partir desses resultados, verificou-se que os dados se repetem tanto em estudos mais antigos (Cavalcante et al., 2007; Lounds et al., 2006; Silva, 2004) quanto nos mais recentes (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013; Kreuz, 2012). Dessa forma, o cenário, apesar de tantos avanços na legislação sobre acolhimento no país (ECA, 1990; Nova Lei Nacional da Adoção, 2009; Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009; Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, 2006) ainda se mantém no contexto da Região Norte.

Quanto ao tempo de acolhimento, a maioria dos participantes (seis) estava em acolhimento entre três e seis meses, corroborando os resultados do relatório do Ministério Público, no qual pode-se constatar que no exame por regiões o Norte destaca-se com a maior permanência no acolhimento por até seis meses. Esse tempo de acolhimento pode ser justificado pela ocorrência das audiências concentradas,

realizadas, atualmente, com maior frequência (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013).

Além disso, a situação de dois participantes (Alice e Bruna) chamou a atenção, pois estavam na instituição há mais de um ano, com 18 e 15 meses, respectivamente. A partir desse dado, verificou-se que apesar do caráter excepcional e provisório da instituição como medida de proteção, algumas crianças permanecem acolhidas por seis meses até um ano, corroborando Cavalcante et al. (2007), os quais salientam que no tocante ao número de crianças que experimenta um acolhimento prolongado, observa-se um quadro ainda bastante preocupante, uma vez que o tempo de permanência muitas vezes ultrapassa o período destinado à preparação do retorno à família (dois anos).

No tocante à permanência de irmãos na instituição, quatro participantes (Alice, José, André e Eliane) tinham irmãos na instituição de acolhimento. Sobre esse aspecto, Almeida et al. (2011) ressaltam a figura do irmão como relevante, uma vez que pode se apresentar como uma rede de apoio social para criança.

Convém ressaltar que na instituição onde foi realizada a pesquisa, as crianças eram distribuídas nos dormitórios, por faixa etária e necessidade de tratamento de saúde especializado, sendo que o fator irmão era desconsiderado nessa distribuição. Esse dado reforça os achados de Almeida et al. (2011), os quais mostram que, dentre os critérios de seleção adotados para a população atendida em algumas instituições de acolhimento, estão o sexo e a idade, o que muito frequentemente funciona como uma das variáveis responsáveis pelo desmembramento de grupos de irmãos.

Com relação a esse aspecto, vale lembrar os dados do IPEA (Silva, 2004), em que apenas 5,8% das instituições de acolhimento pesquisadas (de um total de 589 instituições em todo o território nacional) desenvolvem ações que garantem o não

desmembramento do grupo de irmãos. Essa realidade identificada em várias Regiões foi observada, também, na instituição pesquisada. Nesse sentido, observa-se a necessidade dos profissionais que atuam na área do acolhimento de crianças e adolescentes reverem, de forma efetiva, suas concepções e práticas relacionadas ao acolhimento de grupos de irmãos (Almeida et al., 2011).

A tabela 2 ilustra os dados quanto às visitas que os participantes recebiam na instituição e a frequência com que ocorriam para cada participante.

Tabela 2

Identificação dos visitantes e a periodicidade da visita na instituição.

Participantes	Quem Visita	Periodicidade
Alice	Mãe, Avó e padrasto	Duas a três vezes por semana
Bruna	Avó e Madrinha	Uma vez por semana
José	Mãe, Avó materna e padrasto	Dias alternados
Márcio	Tio e Tia paternos	Uma única vez
André	Mãe, Pai e Avó Paterna	Mãe: cinco visitas no total
Eliane	Mãe	Menos frequente
Maria	Mãe e Avó	Diariamente
Sandra	Mãe e Tia	Diariamente
João	Mãe e pai	Duas a três vezes por semana

Os dados mostraram que a maioria dos participantes recebeu visita. Estes dados confirmam os dados da literatura, os quais explicitam que a maioria das crianças e adolescentes em acolhimento recebe visitas (Serrano, 2008; Serrano, 2011).

Verificou-se que um participante (Márcio), dentro de um período de sete meses recebeu uma única visita de seus familiares na instituição. Segundo dados contidos no relatório do Ministério Público sobre acolhimento na Região Norte, há usuários que não recebem visitas dos pais por mais de dois meses, o que é preocupante, pois quanto menor a frequência das visitas, mais frágil o vínculo entre a criança acolhida e sua família, o que diminui as chances de uma reinserção bem-sucedida, aumentando o tempo de permanência na instituição de acolhimento (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013). Além disso, a visita frequente dos pais/cuidadores às crianças acolhidas é um fator relevante para a efetivação da reinserção familiar (Siqueira, Zoltowsky, Giordani, Otero & Dell'Aglio, 2010).

Verificou-se também que a maioria dos participantes (sete crianças) recebia visita de suas mães. Todavia, apenas dois participantes (Alice e João) recebiam visita de seus pais, evidenciando a ausência da figura paterna na instituição de acolhimento (Azôr & Vectore, 2008; Serrano, 2011; Yunes et al., 2001) para a maioria dos participantes (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013).

Além disso, observou-se a presença de outros parentes, principalmente a figura dos avós, personagens relevantes no processo de acolhimento, pois representam a existência da família extensa da criança ou adolescente acolhido. Dessa forma, os avós juntamente com os tios, padrasto e outros parentes, que mantém contato com a criança, representam a família extensa. Depois dos pais, principalmente da mãe, as visitas mais frequentes são as dos avós, que segundo a literatura (Cavalcante et al, 2007; Lopes et al., 2005) apresentam-se como figuras atuantes na vida das crianças.

Estudos recentes ressaltam a relevância desse grupo para as famílias em situação de vulnerabilidade, uma vez que este apresenta papel essencial de apoio emocional e instrumental para o membro da família que se encontra em dificuldade, nesse caso, a criança em acolhimento e seus cuidadores (Arpini & Quintana, 2009; Siqueira, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Em síntese, os nove participantes eram mais meninas, com seis anos, frequentando a 1ª série, com tempo de permanência entre três e 18 meses, e que foram vítimas de abandono por parte dos responsáveis, mas recebendo visitas frequentes das figuras dos familiares.

Representações dos Participantes sobre Estrutura e Dinâmica de suas Famílias

Baseando-se na abordagem estrutural sistêmica, o cruzamento dos escores de coesão e hierarquia mostrou a estrutura e dinâmica das famílias em cada subsistema (familiar, parental, fraternal), em cada representação: típica (RT), ideal (RI) e conflito (RC), para cada participante. Além disso, foram analisados os escores de flexibilidade, que caracterizaram o funcionamento das fronteiras entre os subsistemas revelando a percepção das crianças sobre a dinâmica de suas famílias, a partir de duas avaliações, na variação da RT para a RI e da RT para a RC.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Alice

A participante representou todos os membros de sua família, que no total, na época eram 10 pessoas, que moravam todas na casa de sua avó materna. Nas três representações observou-se a participação da família extensa, com a presença forte da tia A (madrinha da participante) e do padrasto (quem ela chama de pai), como se verifica na fala da participante:

Pesquisadora: Representa no tabuleiro as pessoas que fazem parte da sua família.

Alice: O meu pai, a minha mãe, a vovó (avó materna), o tio L, o vô N, a tia A. Eu to aqui perto da tia A, a F (irmã), o F (irmão bb) e o N (irmão).

Pesquisadora: Pegue o cilindro e coloque embaixo daquela (s) pessoa (s) que você mais obedece. Quem são essas pessoas?

Alice: O papai, a minha madrinha (tia A), e da mamãe.

A presença da família extensa na vida da participante indica sua importância para a família em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, a família extensa assume papel essencial de apoio emocional e instrumental para o membro da família em dificuldade (Arpini & Quintana, 2009; Polli & Arpini, 2009; Siqueira, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2006), o que a inclui como fator de análise para a compreensão da dinâmica familiar percebida pela criança (Polli & Arpini, 2009).

A tabela 3 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pela participante em cada subsistema, nas três representações de família: típica, ideal e de conflito.

Tabela 3

Estrutura familiar percebida por Alice nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Instável Coesão baixa x Hierarquia média	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia alta
Parental	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia alta
Fraternal	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa

Observou-se que na representação típica (RT) houve semelhança dos escores de poder nos subsistemas parental e fraternal, resultando em estruturas desequilibradas, quando associados a escores extremos de proximidade, alta, no subsistema parental e baixa, no fraternal. No entanto, o escore resultante entre a distribuição de poder nesses dois subsistemas, conferiu uma hierarquia média ao subsistema familiar, resultando em uma estrutura de equilíbrio instável, devido a baixa proximidade entre os membros (Gehring, 1998).

Na RT, a criança colocou um cilindro grande embaixo da mãe e da madrinha, no entanto, no boneco que representava o padrasto, que ela chamava de pai, colocou um cilindro médio. Os escores obtidos mostraram um desequilíbrio, nos subsistemas

parental e fraternal, uma vez que a hierarquia se concentrou na mãe e na tia, mesmo diante da representação de 10 membros no tabuleiro. Esse dado corrobora o de Freire et al. (2012), que discutem o papel da figura paterna no sistema familiar, ressaltando que em estudos mais recentes sobre família têm emergido maior atribuição hierárquica à mãe.

No que diz respeito à distribuição de poder no grupo familiar, de acordo com a literatura este só é adaptativo quando mantém o equilíbrio desse sistema. Além disso, seu funcionamento é considerado saudável quando ocorre o equilíbrio de poder entre o casal e quando os pais têm mais poder e influência do que os seus filhos (Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990), o que não ocorreu nas representações da participante, nas quais, para todos os subsistemas, com exceção do familiar, a hierarquia apareceu alta ou baixa, ou seja, a partir de escores extremos, demonstrando escassa circulação de poder entre os membros e os subsistemas.

Cabe salientar ainda que, a partir do prontuário da criança, verificou-se que a família da mesma passa por vários problemas psicossociais, destacando-se que a mãe e o padrasto fazem uso abusivo de álcool e outras drogas, motivo pelo qual a participante e seus três irmãos foram acolhidos na instituição (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013; Kreuz, 2012; Silva, 2004). Esse dado corrobora a literatura, a qual propõe que famílias que passam por problemas psicossociais geralmente apresentam pouca coesão e maior desequilíbrio hierárquico (Gehring et al., 1994).

Na representação idealizada (RI), todos os subsistemas foram representados com uma estrutura desequilibrada, com baixos escores de poder, representando igualdade nas relações e baixa proximidade emocional entre os membros (Gehring & Marti, 1993). A baixa coesão deu-se em função da representação de uma família extensa com 10

membros, na horizontal do tabuleiro, o que de acordo com a análise do FAST implica em um baixo escore de coesão, entretanto observou-se um grande apego emocional entre as díades criança-tia e criança-padrasto, sendo que a tia e o padrasto foram representados ao seu lado tanto na RT quanto na RI, como segue um trecho da fala da participante durante a RI:

Pesquisadora: Como você gostaria que fosse sua família?

Alice: Eu queria mudar de mãe. Eu queria ter duas mãe: a F (minha mãe) e a minha tia A, porque ela cuida de mim.

Pesquisadora: Representa pra mim como você gostaria que fosse a sua família.

Alice: A tia A (minha madrinha), eu, a mamãe, a vovó, o papai, a F (irmã) e o N (irmão).

A estrutura familiar desequilibrada, na maioria das representações, se repetiu na representação de conflito (RC), em que a criança representou um conflito entre a mãe e a avó materna. Conforme Alice, sua avó materna a expulsou de casa, com sua mãe, padrasto e os irmãos, visto que a mãe da participante saiu para trabalhar, deixando os filhos com a avó e sumiu durante dias sem dar explicações. Quando a mãe e o padrasto voltaram foram expulsos, juntamente com as crianças. Segundo a participante o conflito é de natureza apenas verbal e ocorreu uma única vez na família. Sobre esse conflito a participante relatou o seguinte:

A vovó (materna) brigou com a mamãe... foi porque a minha mãe saiu com o meu pai e mandou a vovó vigiar a gente: eu, o F, a F e o N. Aí a mamãe foi embora, ela sumiu e quando ela apareceu a vovó brigou com ela e mandou a gente ir embora de lá. Ela expulsou a gente da casa dela e aí a gente foi embora... o papai, a mamãe, o N, a F, eu, e o F (irmãos do participante). Ela gritou pra mamãe que era pra ela procurar casa, ir embora cuidar dos filho... mandou a gente embora.

Na RC a participante fez outro arranjo, representou a si, a mãe, o padrasto, os irmãos e a avó materna no tabuleiro, afastando sua figura das do padrasto e da mãe, ficando próxima apenas dos irmãos. Nessa representação, ainda que o escore de

coesão tenha dado baixo para o subsistema familiar, percebeu-se uma alta coesão nos subsistemas fraternal e parental, em função dela representá-los com os membros bem próximos, porém em pontos distantes no tabuleiro.

A hierarquia apresentou um escore baixo, devido a criança não utilizar os cilindros embaixo dos bonecos, porém na fala da participante percebeu-se grande concentração de poder na figura da avó (gritou com todos e os mandou ir embora de sua casa). Essa atribuição de poder à avó no relato de Alice foi considerada para análise do resultado do teste.

Além da estrutura familiar, avaliada pelo cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, foi avaliada, também, a dinâmica do sistema, a partir dos escores de flexibilidade das fronteiras. Foram realizadas duas avaliações, na mudança da representação típica (RT) para a ideal (RI) e outra da representação típica para a de conflito (RC).

A tabela 4 apresenta os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Alice.

Tabela 4

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Alice.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal(RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito(RT- RC)
Familiar	1	1
Parental	2	2
Fraternal	1	2

Nas duas avaliações, na mudança da representação típica (RT) para a ideal (RI) e outra da representação típica para a de conflito (RC), os escores de flexibilidade foram baixos para o sistema familiar e médio para o subsistema parental. O escore baixo mostrou que o sistema familiar de Alice apresentava fronteiras rígidas, com uma dinâmica caracterizada por um funcionamento inflexível, ou seja, os papéis e funções desempenhados por seus membros não permitem alterações. Este tipo de fronteira gera um sistema disfuncional (Nichols & Schwartz, 2007), dado que converge com o do prontuário da participante, assim como com os escores de coesão e hierarquia, em que se verificou um sistema familiar com dificuldades psicossociais, com pouca coesão e desequilíbrio hierárquico (Gehring et al., 1994).

O subsistema parental, nas duas avaliações (de RT para RI e de RT para RC), apresentou flexibilidade média, com uma fronteira nítida entre o casal (mãe e padrasto). Esse escore indica que as interações entre o casal ocorriam com bastante proximidade e com o poder circulando entre o mesmo, ou seja, um se adaptava à dinâmica do outro, por exemplo, um se adaptou ao uso de álcool/drogas do outro, compartilhando esta atividade no dia-a-dia.

No tocante ao subsistema fraternal, o escore de flexibilidade foi baixo na primeira avaliação (da RT para a RC) e médio na segunda (da RT para a RC). Na primeira avaliação a fronteira foi rígida, indicando que havia dificuldade de comunicação e as funções protetoras da família eram restritas, ou seja, permitiam pouco contato, tanto entre os membros do subsistema quanto com subsistemas externos, e, conseqüentemente, um maior distanciamento. Segundo a literatura, a fronteira rígida provoca o desvencilhamento entre os membros do sistema, além de dificultar o contato com os sistemas externos (Nichols & Schwartz, 2007).

E, na segunda situação, a flexibilidade foi alterada para média, apontando que entre a participante e seus irmãos, as fronteiras eram nítidas, ou seja, eram claras, com boas relações e execução de suas funções ("Eu to aqui perto da tia A, a F (irmã), o F (irmão bb) e o N (irmão). Assim, houve mudança nas fronteiras, em que da RT para a RI, o escore foi baixo, porém, da RT para a RC, esse escore foi médio.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Bruna

A tabela 5 ilustra os resultados referentes à estrutura familiar percebidos pela participante em cada subsistema, nas três representações: típica, ideal e de conflito.

Tabela 5

Estrutura familiar percebida por Bruna nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Instável Coesão média x Hierarquia baixa	Instável Coesão média x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa
Parental	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa
Fraternal	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia alta	Não representou	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa

Na representação típica (RT) a participante representou o pai, a mãe, o irmão e a madrinha, sendo que a mãe foi representada ao lado do pai, e a criança posicionou-se longe da mãe, entre o irmão, o pai e a madrinha. Dessa forma, representou grande proximidade na díade criança-madrinha, assim como criança-pai, indicando uma forte influência desses membros, não apenas pela proximidade como também no escore de

hierarquia ao colocar um cilindro embaixo de cada um, diferente da representação que fez da mãe, distante e sem poder no grupo.

De acordo com a perspectiva estrutural sistêmica, no sistema familiar pode haver aliança entre gerações ou coalizão, que está relacionada à união de dois ou mais membros da família, de gerações diferentes, ou em prol de um objetivo ou para desafiar um outro membro (Gehring, 1998; Nichols & Schwartz, 2007). Dessa forma, a participante representou-se próxima ao pai nas representações típica e ideal, excluindo a mãe, evidenciando-se uma coalizão transgeracional nas representações da criança, em que a participante estava mais próxima do pai do que da mãe nas representações.

Além disso, a partir das informações contidas no prontuário da participante, a exclusão da mãe pode ser justificada pela própria causa do acolhimento de Bruna: negligência, abandono e uso de álcool/drogas por parte da mãe. Ressalta-se, ainda, que ao longo do acolhimento (15 meses) nunca recebeu visita de sua mãe. Sobre isso, a literatura referente à acolhimento afirma que a baixa periodicidade das visitas enfraquece o vínculo entre a criança acolhida e sua família, diminuindo a possibilidade de uma reinserção bem-sucedida, (Conselho Nacional do Ministério Público, 2013), pois quanto mais frequente a visita, mais rápida pode ser a volta da criança à família de origem (Siqueira et al., 2010).

Verificou-se que a participante colocou um cilindro grande embaixo da figura do irmão, de acordo com ela, na estrutura hierárquica, o irmão exerce uma posição de liderança, ou seja, iguala-se ao pai e a madrinha, com um cilindro grande. Dessa forma, a estrutura hierárquica pode ser ineficiente, uma vez que se espera que os pais estejam no comando (Michael & Nichols, 2007). Destaca-se que o irmão é mais novo que ela e que permaneceu com a família.

No subsistema parental as figuras dos genitores ficaram uma ao lado da outra, verificando-se forte proximidade emocional. Todavia, como o escore de hierarquia foi baixo, a estrutura foi caracterizada como desequilibrada. Quanto ao subsistema fraternal, a participante representou o irmão ao lado dela, verificando-se alto escore de coesão, com grande interação de afeto entre os irmãos. Entretanto, uma vez que a figura do irmão recebeu um cilindro, a estrutura foi considerada desequilibrada.

Na representação ideal (RI) o arranjo da família mudou completamente, pois a participante excluiu o irmão e incluiu a avó ao subsistema ("A avó, eu, o pai e a mamãe. Eu tenho duas mães"). O acréscimo da avó ao subsistema corrobora a literatura sobre acolhimento institucional, que aponta a avó como uma figura presente na vida da criança que se encontra em acolhimento (Cavalcante et al., 2007).

Nessa representação (RI), o subsistema familiar os escores de coesão e hierarquia foram médio e baixo, respectivamente, com uma estrutura instável devido ao escore de coesão. Nessa representação a criança se representou entre a avó e o pai, ficando a mãe distante da participante e ao lado da figura do pai, sendo excluída novamente pela filha. E, no subsistema parental os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, ou seja, houve grande proximidade nas interações entre os genitores, no entanto, como não utilizou cilindros, a hierarquia foi baixa, caracterizando uma estrutura desequilibrada. Quando solicitada para representar a família idealizada, como ela gostaria que fosse, ela exclui o irmão do tabuleiro.

Na Representação de conflito (RC), a configuração mudou bastante. A criança representou uma situação em que a mãe ficou chateada com o outro filho porque este "fez tolice". Nesta situação o menino bateu na mãe, dando chutes nela e, conseqüentemente, a mãe o castigou, o que caracterizou um conflito de natureza tanto verbal quanto corporal, como se vê em um dos trechos da fala da participante:

A minha mãe. Ela ta chateada com o meu irmão, porque ele faz muita tolice. Ele ta chateado olhando pra ela, o meu irmão e minha mãe brigando! chega ele deu até um chute na barriga da mamãe. Eu tava brincando e eu tava escutando o barulho deles brigando. Eu dei uma porrada no meu irmão pra ele aprender a num dalhe na mamãe! (ela fala muito aborrecida) Eu vi ele dando um montão de chute na barriga da mamãe, chega a mamãe botou ele de castigo!

Na RC os membros foram posicionados distantes, sem a indicação de poder entre eles, o que caracterizou escores de coesão e hierarquia baixos, em todos os subsistemas, conferindo uma estrutura familiar desequilibrada. Esse resultado converge com a literatura, a qual apresenta que famílias que vivenciam problemas psicossociais (envolvimento com álcool/drogas) geralmente apresentam baixo sentimento de proximidade afetiva entre si, com grande desequilíbrio hierárquico, ou seja, as relações intergeracionais apresentam-se desequilibradas (Gehring et al., 1994).

Além da avaliação da estrutura familiar, pelo cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, foi avaliada, também, a dinâmica familiar, através dos escores de flexibilidade, como na tabela.

Na tabela 6 são apresentados os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Bruna.

Tabela 6

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Bruna.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal(RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito(RT- RC)
Familiar	0	1
Parental	0	2
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Com relação à dinâmica do sistema familiar, obtida pelo escore de flexibilidade, na mudança da RT para a RI, os escores foram iguais a zero nos subsistemas familiar e parental, ou seja, sem alteração na flexibilidade das fronteiras (Gehring, 1998). Isso indica que os padrões de funcionamento do sistema, com seus papéis e funções mostraram-se rígidos, ocasionando a disfunção desse sistema familiar (Nichols & Schwartz, 2007). O subsistema fraternal não foi representado, sem possibilidade de avaliar a flexibilidade para este subsistema.

Na outra avaliação das fronteiras, da RT para a RC, os escores de flexibilidade foram baixo e médio para os subsistemas familiar e parental, respectivamente. No tocante ao sistema familiar, o escore baixo indicou uma fronteira rígida, com um padrão de desligamento entre os membros que compunham o sistema, confirmando os dados contidos no prontuário de Bruna, segundo o qual o motivo do acolhimento foi o abandono e negligência maternos.

Quanto ao subsistema parental, o escore médio evidenciou uma fronteira nítida entre os genitores, os quais permaneceram muito próximos, tanto na RT quanto na RI. Essa fronteira ilustrou o tipo de relação entre o casal, em que as interações ocorriam com autonomia entre os genitores, interação de papéis, favorecendo as trocas de afeto (Minuchin, 1990). O subsistema fraternal, não pode ser avaliado, quanto à flexibilidade, uma vez que não foi representado na RI.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de José

A tabela 7 apresenta os resultados referentes à estrutura familiar percebida pelo participante em cada subsistema, em cada representação: típica, ideal e de conflito.

Tabela 7

Estrutura familiar percebida por José nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Instável Coesão média x Hierarquia alta	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa
Parental	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia alta	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa
Fraternal	Não representou	Não representou	Instável Coesão média x Hierarquia baixa

Na representação típica (RT) o participante excluiu os irmãos (3), sendo que estes estavam em acolhimento na mesma instituição. Ele representou o pai, a mãe, a avó e uma vizinha, como no trecho de uma de suas falas:

Minha mãe, meu pai e ainda tem a minha avó. Eu gosto mais desse aqui é o meu pai, minha mãe e tem a minha avó também. Eu tenho uma amiguinha que é lá de perto da minha casa e nós brinca tanto! Obedeço mais o meu pai... Eu gosto mais da minha mãe, ela lava a minha roupa, faz comida pra mim mas corta muito tempero, compra açaí, compra pão. A minha avó faz café, ela mora em casa com nós, porque o meu avô já morreu.

Na RT, para o subsistema familiar, os escores de coesão e hierarquia foram médio e alto, respectivamente, com uma estrutura instável, ainda que o participante tenha representado seus familiares na horizontal na seguinte ordem: avó, mãe, participante, pai e a amiga. Esta estrutura foi garantida pelo escore médio de coesão (Gehring, 1998).

Entretanto, no subsistema parental, observou-se um arranjo diferente, em que mãe e pai ficaram afastados. Desse modo, o escore de coesão foi baixo, o que evidenciou um distanciamento afetivo entre os genitores. No tocante à representação de poder, o escore de hierarquia foi alto, revelando uma estrutura familiar desequilibrada. Segundo a literatura, escores extremos de coesão e hierarquia podem causar desequilíbrio de poder no subsistema (Gehring & Marti, 1993), o que foi encontrado na relação do casal.

Na Representação Ideal (RI), o participante se emocionou muito ao falar do quanto que gostaria que sua família fosse diferente, ao falar da família, dos sonhos que tinha quando estava na instituição de acolhimento. Representou apenas ele, a mãe e o pai:

Pesquisadora: Agora eu gostaria que você representasse no tabuleiro como você gostaria que fosse a sua família.

José: Diferente.

Pesquisadora: Diferente como?

José: Mais bonita... eu queria que a minha casa fosse diferente.

Pesquisadora: Porque?

José: Porque a minha casa ta ficando velha e eu queria uma nova.

Pesquisadora: E você gostaria que fosse diferente a sua família de como você me mostrou? Ele balançou a cabeça dizendo que sim. Então representa aí no tabuleiro como você queria que fosse a sua família.

José: Meu pai.

Pesquisadora: E o que ta diferente aí? Diz pra mim o quê que ta diferente nele?

José: Ele é fortão e me bate!

Pesquisadora: Porque ele te bate?

José: Porque eu saio de casa e ele não deixa eu brincar na rua

Pesquisadora: E ele faz mais alguma coisa pra você?

José: Ele bate muito mas depois ele compra bombons pra nós (E, J, J e eu)

Pesquisadora: E eles apanham do seu pai?

José: Não.

Pesquisadora: E você gostaria que mudasse só o seu pai ou gostaria que mudasse outra coisa?

José: A minha mãe

Pesquisadora: Sua mãe?

José: Eu tive um sonho com ela. Eu sonho que eu tava com outra família, que eu não tava com a minha família e depois eu sonhei que eu tava em casa com a minha família.

Pesquisadora: E o que vocês estavam fazendo?

José: A gente tava na cama assistindo Zorra Total com a mamãe (ele sorriu).

A partir do resultado do FAST e da fala do participante, verificou-se a vontade da criança de estar com sua família novamente. Esse resultado também foi encontrado no estudo de Cunha (2008), em que a autora verificou o desejo dos participantes (crianças e adolescentes em acolhimento) de retornarem à família de origem, com uma representação muito positiva do sistema familiar.

Na RI, a distribuição de poder é diferente, pois na RT (tanto no sistema familiar quanto no parental) o escore de hierarquia foi alto. Diferentemente, na RI (tanto para o sistema familiar quanto para o parental) esse escore foi baixo, corroborando a literatura, em que há mudança no escore de hierarquia quando muda a representação de típica para ideal, com escore de alto à baixo, respectivamente (Gehring & Marti, 1993).

Já na representação de conflito (RC) representou um conflito entre os pais, uma situação que aconteceu algumas vezes, em que o pai e a mãe brigavam, sendo que a mãe apontou uma faca para furar o esposo. Inicialmente, o participante disse que esse tipo de situação acontecia raramente, no entanto, após alguns minutos relatou que o pai e a mãe brigavam sempre que se encontravam em casa, mas apenas algumas vezes que a mãe apontou a faca. A criança relatou, ainda, que além de discutir verbalmente, os pais também se batiam, caracterizando um conflito do tipo verbal e corporal na frente das crianças, como relata o participante:

Pesquisadora: E tem briga em sua casa?

José: Não, eles pararo de brigar.

Pesquisadora: E quem era que brigava?

José: Minha mãe e meu pai.

Pesquisadora: E como que era a briga deles?

José: Não sei.

Pesquisadora: Representa aqui no tabuleiro pra mim.

Pesquisadora: Quem é esse?

José: Meu pai, essa é a mamãe.

Pesquisadora: Quem era que mandava mais aí?

José: A mamãe.

Pesquisadora: O quê que ela fazia?

José: Eles brigava perto de mim, da E, da J e do J (irmãos dele).

Pesquisadora: Representa aqui no tabuleiro quem é esse?

José: O meu irmão J, a J, a E.

Pesquisadora: Mais alguém via essa briga?

José: A minha tia R.

Pesquisadora: Como era a briga?

José: A mamãe pegava a faca e quase fura ele e eles pararo.

Pesquisadora: E acontecia sempre ou não?

José: Era difícil.

Na RC, bem como se observa na tabela 7, os baixos escores de coesão e hierarquia caracterizaram uma estrutura desequilibrada nos subsistemas familiar e parental. Dessa maneira, observou-se um comprometimento das interações entre os membros nesses subsistemas. Quanto à hierarquia, caracterizou uma distribuição desigual de poder nestes subsistemas, conferindo desequilíbrio, convergindo com a literatura, segundo a qual, a distribuição de poder na família só é considerada adaptativa quando mantém o equilíbrio do sistema, sendo que uma das condições para o seu funcionamento ser considerado saudável é que haja equilíbrio de poder entre o casal (Gehring & Marti, 1993), o que não foi evidenciado entre os genitores de José.

No subsistema fraternal, os escore de coesão e hierarquia foram médio e baixo, respectivamente, que ao serem cruzados garantiram uma estrutura com equilíbrio instável ao subsistema (Gehring, 1998). Os irmãos ficaram um ao lado do outro, verificando-se alta proximidade entre eles, entretanto, o escore de coesão foi médio devido um dos irmãos ter ficado fora do quadrado imagiário 3 x 3 realizado na análise

dos escores de coesão e hierarquia (Gehring, 1998). Quanto à hierarquia, o escore foi baixo devido o participante não ter utilizado cilindros na representação.

Após a avaliação da estrutura familiar pelo cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, avaliou-se também as fronteiras familiares, por meio dos escores de flexibilidade das fronteiras, como no quadro.

Na tabela 8 são apresentados os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de José.

Tabela 8

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de José.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal (RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito (RT- RC)
Familiar	3	3
Parental	2	2
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Nas duas variações (da RT para a RI e da RT para a RC), os escores foram alto e médio, para os subsistemas familiar e parental, respectivamente, sendo que o subsistema fraternal não pode ser avaliado porque não foi representado. O escore alto indicou uma fronteira difusa no sistema familiar, ou seja, a dinâmica da família de José mostrou um sistema familiar emaranhado, em que os membros envolviam-se uns com os outros de forma intrusiva (Nichols & Schwartz, 2007), sem limite, como no caso dos genitores que se agrediam verbal e corporalmente na frente dos filhos, quando se encontravam em casa.

Por outro lado, o escore médio para o subsistema parental indicou uma fronteira nítida entre os genitores de José. Esta nitidez pode ter sido atribuída pelo fato dos genitores estarem separados, ou seja, está clato o papel de cada um na criação dos filhos, eles conseguem equilibrar seus papéis na criação de José, pois como o participante relatou a mãe fazia a comida, lavava a roupa e o pai dava o dinheiro para ele ir à mercearia comprar o que faltava em casa.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Márcio

A tabela 9 ilustra os resultados referentes à estrutura familiar percebida pelo participante em cada subsistema, em cada representação: típica, ideal e de conflito.

Tabela 9

Estrutura familiar percebida por Márcio nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Instável Coesão média x Hierarquia baixa
Parental	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa
Fraternal	Desequilibrada Coesão alta x Hierarquia baixa	Não representou	Não representou

Na representação típica (RT), os escores de coesão e hierarquia foram baixos, levando a estruturas desequilibradas. Muito embora os escores de coesão tenham sido baixos nesta representação, observou-se que o participante, a irmã dele e a mãe, foram

posicionados próximos um do outro no tabuleiro, com exceção apenas do pai, que foi o único que ficou distante de todos os outros membros da família.

Quanto à hierarquia, verificou-se que em nenhuma das figuras representadas foi colocado cilindro, caracterizando um escore baixo, o que significa igualdade entre os membros do sistema familiar de Márcio. Porém, verificou-se em suas falas que algumas figuras eram bastante influentes em sua casa, como no trecho abaixo:

Márcio: Eu obedeço em casa. Eu obedeço o meu pai.

Pesquisadora: Eu gostaria que você dissesse quem são as pessoas que fazem parte da sua família e quem mora na mesma casa com você.

Márcio: Não sei! (não queria falar).

Pesquisadora: Como que é o nome da sua mãe? Lembra?

Márcio: Num sei mais...

Pesquisadora: Vamos fazer o seguinte: coloca aqui no tabuleiro as pessoas que fazem parte da sua família.

Márcio: Minha mãe, meu pai e o meu irmão... É do lado da minha casa.

Pesquisadora: E porque você está longe do seu pai?

Márcio: Ah, é porque eu gosto menos! E da minha mãe eu gosto mais.

O participante estava bastante confuso com relação à situação de acolhimento e pelo que sentia com relação à família diante da situação vivenciada. Quando questionado sobre o nome de sua mãe, por exemplo, falou magoado sobre ela e até disse não lembrar mais o nome do seu pai. Quando perguntado se não lembrava mais o nome do pai ele gritou com a pesquisadora dizendo que não lembrava mais. Além disso, retirou a irmã do tabuleiro dizendo que ela não existia mais.

Esse dado confirma o da caracterização em que a situação de acolhimento, principalmente quando esta é duradoura, colabora para o enfraquecimento dos laços familiares (Arpini & Quintana, 2009; Conselho Nacional do Ministério Público, 2013; Kreuz, 2012; Silva, 2004; Weber & Kossobudski, 1996). Em sete meses em acolhimento, o participante nunca recebeu visita dos pais, extrapolando os achados de um relatório recente divulgado pelo Ministério Público sobre acolhimento (2013), no

qual observou-se que 75% das instituições afirmaram que alguns atendidos não recebem visita dos pais por mais de dois meses. A única visita que recebeu, uma única vez, foi de um casal de tios, sendo que se recusou a recebê-los, demonstrando mágoa pela família que, segundo o participante, tinha-o abandonado ali.

Na representação idealizada (RI), os escores de coesão sofreram uma alteração. Foram altos, pois o participante representou apenas ele, a mãe e o pai, sendo que todos permaneceram muito próximos no tabuleiro, em que o participante explicitou a vontade de ver os pais próximos novamente. Entretanto, o escore baixo para a hierarquia caracterizou a estrutura como desequilibrada nesta representação, com todos os membros representados com igual poder e influência, convergindo com a literatura, segundo a qual a distribuição de poder sofre alteração quando a representação muda de típica para ideal, em que o escore de hierarquia muda para baixo (Gehring & Marti, 1993).

No tocante à representação de conflito (RC), o participante se representou distante dos genitores, observando-os em uma situação em que discutiam, com palavras ofensivas, e o pai batendo na mãe, caracterizando um conflito de natureza verbal e corporal, que, segundo a criança, ocorria com frequência em sua casa.

Pesquisadora: Quem briga?

Márcio: A minha mãe e o meu pai.

Pesquisadora: Porque eles brigam? mostra no tabuleiro como que é quando seu pai e sua mãe brigam... pegou as duas peças que representavam o pai e a mãe e as colocou no tabuleiro... e a peça que representava o pai batia muito forte na mãe (ele representou uma peça batendo na outra e ao fazer isso ele sorriu sem inibição).

Pesquisadora: Eles se batem?

Márcio: Balançou a cabeça indicando que sim.

Pesquisadora: E cadê você? Onde você fica quando isso acontece?

Márcio: Longe.

Pesquisadora: E o que acontece?

Márcio: Se bate e se xinga!

Pesquisadora: Quando é que acontece isso?

Márcio: Quando a mamãe e o papai tão em casa.

Pesquisadora: E você obedece alguém aqui?

Márcio: Balançou a cabeça e disse: obedeço!

Pesquisadora: E quem você obedece mais?

Márcio: Obedeço muuuuuito, muuuuuito os dois (disse que não queria colocar o cilindro embaixo das figuras mas que obedecia os dois).

Na RC, no subsistema familiar os escores de coesão e hierarquia foram médio e baixo, respectivamente, proporcionando uma estrutura familiar instável. O escore médio de coesão ocorreu porque todas as figuras permaneceram dentro do quadrado imaginário 3x3 no tabuleiro (Gehring, 1998). No subsistema parental os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, com uma estrutura desequilibrada. Todavia, apesar de o escore de coesão ter sido alto, em função de as figuras que representavam os genitores terem ficado próximas, estavam em contato corporal, pois a figura que representava o pai estava batendo na da mãe de Márcio.

Os escores de coesão e hierarquia, juntamente com a fala do participante ilustraram uma situação que, infelizmente, ocorria com muita frequência em sua casa ("P: Quando é que acontece isso- se xingam e se batem?- Márcio: Quando a mamãe e o papai tão em casa"), fazendo parte do cotidiano da família, retratada, na maioria das representações, como um sistema desequilibrado.

A partir dos escores de coesão e hierarquia e da transcrição das falas do participante durante a aplicação do FAST, identificou-se um sistema familiar com estrutura desequilibrada. Esse resultado corrobora a literatura, segundo a qual a criança em uma família desajustada percebe suas relações interpessoais e a de seus genitores com escores extremos de coesão e hierarquia (Gehring et al., 1994).

Além da avaliação da estrutura familiar, pelo cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, avaliou-se a dinâmica do sistema familiar, através dos escores de flexibilidade das fronteiras.

A tabela 10 apresenta os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Márcio.

Tabela 10

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Márcio.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal(RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito(RT- RC)
Familiar	2	1
Parental	2	2
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Da RT para a RI o escore foi médio, tanto para o subsistema familiar quanto para o parental. Nesse sentido, esses dois subsistemas apresentaram uma fronteira nítida na mudança da representação típica para a ideal, com o estabelecimento de uma estrutura hierárquica, na qual os pais ocupavam uma posição de liderança ("Obedeço muuuuuito, muuuuuito os dois") (Nichols & Schwartz, 2007). No tocante ao subsistema parental o escore de flexibilidade foi médio, o que caracterizou uma fronteira nítida ente o casal, o que ocorreu em função de os pais estarem separados, o que proporcionou a adaptação de cada um à uma nova dinâmica. Essa mesma análise serve para o subsistema fraternal na mudança da RT para a RC, pois o escore de flexibilidade das fronteiras foi o mesmo (médio).

A flexibilidade para o sistema familiar, da RT para a RC, caracterizou-se por fronteiras rígidas, em que a comunicação entre os subsistemas ficou prejudicada, causando distanciamento entre os membros, como foi verificado nos dados de caracterização de Márcio. Apesar do pai ter sido representado como participante ativo

da família, verificou-se que o mesmo estava desaparecido, já que no prontuário de Márcio, este foi abandonado pelo pai em via pública, à noite. Nas duas avaliações não foi possível identificar os escores de flexibilidade para o subsistema fraternal.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de André

A tabela 11 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pelo participante em cada subsistema.

Tabela 11

Estrutura familiar percebida por André nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Equilibrada Coesão Média x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa
Parental	Instável Coesão Baixa x Hierarquia Média	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Instável Coesão Baixa x Hierarquia Média
Fraternal	Não representou	Não representou	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa

No tocante à representação típica (RT), o participante representou o pai, a mãe, ele mesmo, um tio e o avô, como segue um trecho da fala do participante em diálogo com a pesquisadora:

Pesquisadora: Hoje a gente vai brincar de família. Você sabe o que é família?

André: Quer dizer que a família tem que ficar junto.

André: Esse é o meu pai, eu, minha mãe, meu tio, meu avô (a gente se gosta muito).

Pesquisadora: Quem é aquela pessoa que você obedece mais em casa?

André: Todo mundo

Pesquisadora: Mas tem alguém que você obedece mais?

André: Eu sempre obedeço mais a minha mãe.

No subsistema familiar os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, caracterizando uma estrutura familiar desequilibrada. Dessa maneira, observou-se grande proximidade emocional entre os membros representados, principalmente entre o participante e seus genitores. O participante colocou um cilindro grande embaixo da figura que representava a mãe, caracterizando uma estrutura desequilibrada.

No subsistema parental verificou-se escores de coesão e hierarquia baixo e médio, respectivamente, com uma estrutura instável. De acordo com esse arranjo, os genitores foram representados distantes afetivamente, todavia, devido ao escore médio de hierarquia a estrutura nesse sistema foi considerada instável (Gehring, 1998), ou seja, houve equilíbrio na interação entre os genitores, ainda que tenha sido instável. Na RT, nos três subsistemas, o participante excluiu os irmãos, os quais, na época, também estavam em acolhimento com o participante na mesma instituição.

No tocante à representação idealizada (RI) da família, o participante representou um arranjo com a avó, o avô, ele mesmo, a mãe, o pai e o padrinho, excluindo os irmãos novamente. Nessa representação explicitou sua vontade de estar com a família novamente: "Querida que não ficasse separado! todo mundo perto, unidos, minha avó, meu avô, eu, minha mãe, meu padrinho (ele que compra as coisas pra mim) e o meu pai". A fala confirma os resultados do estudo de Cunha (2008), no qual a maioria dos participantes em acolhimento expressou o desejo em retornar à família de origem.

No subsistema familiar os membros foram representados todos próximos e com igualdade de poder. Dessa forma, os escores de coesão e hierarquia foram médio e baixo, respectivamente, com uma estrutura equilibrada, devido ao escore médio de coesão. Segundo Gehring e Marti (1993), participantes com interações relativamente "desajustadas" produzem uma mudança em relação a uma maior coesão em suas representação ideais. Quanto à hierarquia, o escore baixo corrobora a literatura, de que quando ocorre mudança da representação típica para a ideal, esse escore diminui (Gehring & Marti, 1993). No caso desse participante, a caracterização mostrou hierarquias baixas ou frágeis demais, em que os membros mais jovens dessa família (filhos) ficaram desprotegidos pela ausência de orientação dos pais (Nichols & Schwartz, 2007), os quais abandonavam o filhos em casa, resultando no acolhimento do participante com seus irmãos.

No subsistema parental as figuras que representavam os genitores ficaram próximas, sendo uma ao lado da outra, o que proporcionou um alto escore de coesão. Entretanto, a hierarquia foi baixa, uma vez que o participante não fez uso dos cilindros, caracterizando uma interação de poder igualitária, com exclusão dos irmãos tanto na representação típica quanto na idealizada.

No que diz respeito à representação de conflito (RC), o participante simulou uma situação que caracterizou um conflito de natureza verbal, que ocorria com muita frequência, envolvendo os genitores, em que o pai ficou chateado com a mãe porque ela não arrumava a casa. O participante descreveu uma situação em que o pai queria "mandar" na esposa, e por isso, ela foi embora, e que agora o pai mora sozinho, como no trecho da fala do participante:

Meu pai ficou chateado com a minha mãe, mas não é todo dia. Ele sai e fica na casa do amigo dele, porque ele e a mamãe se separaram e eu moro com ela agora e o papai mora sozinho agora, porque ele brigava com a mamãe porque ela não arrumava a cama. Ele queria que ela trabalhasse e ela arrumasse a casa todinha e ele mandava a mamãe lavar a casa mas ela não queria. Todos os meus irmãos e eu tão com a mamãe, aí o papai fica sozinho no outro lugar.

O participante se representou junto à mãe e os dois irmãos distantes do pai. Nesse arranjo, verificou-se forte proximidade afetiva do participante com a mãe e os irmãos, e distanciamento da figura do pai de todos membros, proporcionando baixo escore de coesão para o sistema familiar. O participante colocou um cilindro grande embaixo do pai, o que gerou um escore baixo de hierarquia, com uma distribuição desigual de poder entre os genitores. Dessa forma, levando-se em consideração a disposição das figuras, os escores de coesão e hierarquia foram baixos, com uma estrutura desequilibrada (Gehring, 1998).

Aém disso, de acordo com o arranjo elaborado na RC, verificou-se a ocorrência de uma coalizão, em que o participante, assim como os outros irmãos, apresentaram proximidade com apenas um dos genitores (nesse caso a mãe) e não com o outro (pai). Essa representação caracteriza uma aliança entre gerações ou coalizão transgeracional, que é união de dois ou mais membros da família, de gerações diferentes (Gehring, 1998; Nichols & Schwartz, 2007).

No subsistema parental, os escores mudaram, com coesão baixa e hierarquia média, sendo que o escore de hierarquia proporcionou uma estrutura instável (Gehring, 1998). E, no subsistema fraternal, verificou-se que os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, com uma estrutura desequilibrada, confirmando a literatura, a qual explicita que escores extremos de coesão e hierarquia caracterizam estruturas familiares desequilibradas (Gehring, 1998; Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994).

Além de avaliar a estrutura, através do cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, foi avaliada a dinâmica familiar, de acordo com os escores de flexibilidade das fronteiras.

Na tabela 12 são apresentados os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiares de André.

Tabela 12

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de André.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal (RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito (RT- RC)
Familiar	1	2
Parental	3	0
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Da RT para a RI os escores foram baixo e alto para os subsistemas familiar e parental, respectivamente. O escore baixo indicou uma fronteira rígida para o sistema familiar, apresentando-se isolado dos demais contextos, em que a família não conseguiu mobilizar apoio quando necessário (Nichols & Schwartz, 2007). Nesse sentido, esse tipo de fronteira reforça os dados contidos na caracterização do participante, o qual foi abandonado em casa com seus irmãos, pelos genitores, sem companhia de adultos, vivenciando uma situação de risco pessoal e psicossocial, uma vez que segundo Nichols e Schwartz (2007) pais de famílias com fronteira rígida não conseguem negociar papéis e poder nos cuidados parentais, gerando dificuldades para perceber e atender as demandas de seus filhos.

O escore alto do subsistema parental caracterizou uma fronteira difusa. Dessa maneira, verificou-se que as interações entre os pais de André se davam de modo intrusivo, com pouca clareza de limites entre os papéis de cada genitor (Nichols & Schwartz, 2007). Ou seja, identificou-se um subsistema disfuncional, caracterizando uma díade que deixa de ser efetiva para seus membros.

Da RT para a RC, o escore para o sistema familiar foi médio e para o subsistema parental foi igual a zero. O escore de flexibilidade médio indicou uma fronteira nítida para o sistema familiar, com proximidade nas interações, além de poder circulando entre os membros do sistema. A fronteira nítida indica que um membro se adapta à dinâmica do outro, o que caracteriza um funcionamento familiar saudável.

O escore atribuído ao subsistema parental indicou a existência de uma fronteira rígida entre o casal, em que os genitores estavam distanciados, e, dessa maneira, pai e mãe não conseguiam mobilizar apoio quando necessário (Nichols & Schwartz, 2007) aos filhos. A fronteira rígida no subsistema parental indicou que pais desligados podem não perceber que um filho está com dificuldades, como no caso do participante e seus irmãos, os quais eram abandonados sozinhos em casa por seus genitores, passando por uma situação de risco pessoal e psicossocial, chegando à instituição de acolhimento com sinais de falta de cuidados e vítimas de negligência.

Segundo a literatura, esse tipo de sistema familiar com ocorrência de problemas psicossociais, como doença mental do pai (Kreuz, 2012; Silva, 2004) geralmente apresenta uma estrutura familiar desequilibrada. Esta é caracterizada como uma família disfuncional, com escores extremos de coesão e hierarquia (Gehring, 1998; Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994), ainda que em alguns subsistemas a estrutura tenha sido instável.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Eliane

A tabela 13 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pela participante em cada subsistema.

Tabela 13

Estrutura familiar percebida por Eliane nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Equilibrada Coesão Média x Hierarquia Média	Equilibrada Coesão Média x Hierarquia Média	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa
Parental	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa
Fraternal	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa

Na representação típica (RT), a participante representou seis pessoas (a mãe, duas irmãs, um irmão, uma tia materna, um primo e ela mesma). No subsistema familiar houve uma grande proximidade entre as pessoas representadas, com escore de coesão médio. Quanto à hierarquia, a participante colocou um cilindro grande embaixo da tia e da mãe, o que permitiu um escore de hierarquia médio. Abaixo, segue um trecho do diálogo entre a participante e a pesquisadora, em que Eliane fala sobre a sua família típica:

Eliane: Eu tenho uma família: minha avó (ela já morreu), meu avô, minhas tias, minha mãe e o meu pai (avô).

Pesquisadora: Você gosta da sua família?

Eliane: Sim... muuuuuuuuuuito, muuuuuuuuito, muuuuuuuuito.... (ela sorri)... a minha tia... qual é o mais alto?

Pesquisadora: Aquele que você obedece mais em casa.

Eliane: Minha tia (P) ela é irmã da minha mãe, minha mãe, a mamãe com a minha tia brigo muito.

Pesquisadora: E você?

Eliane: Eu tô perto da minha mãe e da minha tia. Esse aqui é o meu irmão (M) e ele é muito miudinho e eu gosto muito dele, essa aqui é minha irmã D (ela é bem grande), essa aqui é minha irmã mais velha a C. E lá mora todo mundo numa casa pequena! Eu gosto mais do M, dos meus irmãos e da minha tia...

Pesquisadora: E mora só vocês?

Eliane (falou com raiva): E mora o meu tio que é muito briguento! Ele gosta de bater no filho dele! E ele foi preso (ainda bem) e ele ainda vai voltar da cadeia!

Pesquisadora: E quem é que você obedece mais?

Eliane: A minha tia e a minha mãe e as minhas irmãs.

De acordo com a literatura, escores médios de coesão e hierarquia proporcionam estruturas familiares equilibradas (Gehring, 1998; Gehring et al., 1994), podendo-se inferir que nesse subsistema seus componentes estavam bastante envolvidos emocionalmente, com relações igualitárias entre os cuidadores ou com estes exercendo mais influência que a criança. Nesse sentido, o subsistema familiar representado apreentou-se com um funcionamento saudável, devido à igualdade no relacionamento do casal e ao maior poder hierárquico das figuras dos cuidadores em relação às crianças (Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994; Gehring & Wyler, 1986).

Quanto à representação ideal (RI), a participante representou ela, a mãe, a tia que cuida dela, os irmãos, e acrescentou a figura do primo que mora na mesma casa. Colocou as figuras que representavam a mãe e a tia próximas. Em diálogo com a pesquisadora, ela explicou o porquê da proximidade dos bonecos que representavam a mãe e a tia, como segue:

Pesquisadora: Você gostaria que a sua família fosse diferente de como é?

Eliane: Eu queria que fosse só eu, minha mãe, minha tia e meus irmãos.

Pesquisadora: Mostra aqui quem você gostaria que ficasse perto e longe?

Eliane: É a tia P, minha mãe conversando, porque elas brigam muito. A minha tia fala que "ela saiu, já ta noite, não vai voltar, deixou as filhas dela com a minha mãe e blablabla!

Pesquisadora: E você, onde está?

Eliane: Aqui com as minhas irmãs, meu irmão e eu e tá todo mundo perto, todo mundo se gosta muito! minha tia, minha mãe, eu, a C (imrã), o M (primo) e a D (irmã).

Pesquisadora: Quem você obedece mais?

Eliane: Todo mundo, menos o M... eu não preciso colocar o meu tio? só o filho dele? Eu queria que fosse assim, sem o meu tio, porque ele bate no filho dele, o meu primo.

No subsistema familiar, os escores de coesão e hierarquia foram médios, configurando uma estrutura equilibrada (Gehring, 1998). Chama atenção ela ter colocado um cilindro grande embaixo do primo, o qual foi representado com maior poder que o genitor, porém, era espancado por este pai como na fala anterior dela.

Nos subsistemas fraternal e parental os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente. No caso do subsistema familiar, foi levado em consideração figuras que representassem os cuidadores da participante (mãe e tia), visto que o pai era ausente neste sistema. A criança percebeu as figuras de suas cuidadoras, assim como as interações entre irmãos com igual hierarquia e alta proximidade nas relações afetivas. A literatura explicita que é comum, quando passa da RT para a RI esse tipo de representação (Gehring & Marti, 1993), uma vez que é a reprodução de como a participante gostaria que fossem suas interações familiares, principalmente porque suas cuidadoras discutiam bastante.

Na representação de conflito (RC), o mesmo foi de natureza verbal e corporal, o qual ocorria com muita frequência na família de Eliane. O conflito envolveu um tio (G), a esposa dele e o filho. O tio, ex presidiário, quando estava solto vivia na casa de sua mãe, onde morava a participante. Lá, o tio G batia na esposa e no filho, espancando-os

com muita frequência. A participante descreveu o conflito, uma situação de muita violência, como pode ser visualizado no trecho de uma das falas da participante sobre o conflito, a saber:

Esse é o meu tio (tio G). Ele tem um ferro na perna e ele bateu na mulher dele. Ele bate, ele fere, ele espanca... Ele tem que ficar bem longe, aqui olha (colocou a peça distante dos demais). Ele bate no filho dele, ele espanca assim olha (bate uma peça na outra, e bate forte, faz barulho). Eles se gostam pouco ele com a mulher e o filho. O meu tio bate muito nela também e bate muito, muito mesmo e espanca ela, um dia ele deu uma surra no meu primo. Eu fico bem longe, perto do meu primo.

Nos subsistemas familiar e parental os escores de coesão e hierarquia foram baixos, com uma estrutura desequilibrada. Os escores entre o tio e a esposa evidenciaram interações, tanto a nível familiar quanto entre o casal, com baixa afetividade. Além disso, a participante colocou um cilindro embaixo do tio, reafirmando o poder dele sobre a esposa e o filho. Levando-se em consideração apenas os membros que compunham a família do tio G, a família seria considerada como desajustada, devido os escores extremos de coesão e hierarquia (Gehring, 1998; Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994)

No subsistema fraternal, os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, com uma estrutura desequilibrada. A participante representou ela e seu primo, os quais formaram uma díade com interação permeada por afeto, como bem mostra o escore de coesão. Todavia, como a participante não utilizou cilindros nas figuras que representavam ela e seu primo, a relação foi igualitária, com estrutura desequilibrada.

Além da estrutura, foi avaliada a dinâmica familiar, de acordo com os escores de flexibilidade das fronteiras.

Na tabela 14 são apresentados os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Eliane.

Tabela 14

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Eliane.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal (RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito (RT- RC)
Familiar	0	3
Parental	0	2
Fraternal	0	0

Quanto à dinâmica familiar da participante, da RT para a RI, verificou-se escore de flexibilidade igual a zero para todos os subsistemas, indicando que não houve alteração na variação dessas representações. Dessa forma, as fronteiras foram rígidas, em que as interações nos diversos subsistemas, indicaram um padrão de funcionamento inflexível, o qual proporciona papéis específicos aos membros em cada subsistema. Esse padrão de fronteira provoca o desvencilhamento entre os membros do grupo, dificultando o contato entre eles e deles com outros sistemas (Nichols & Schwartz, 2007).

Da RT para a RC a flexibilidade diferiu nos subsistemas familiar e parental, com escores alto e médio, respectivamente. No subsistema familiar a fronteira apareceu difusa, a qual é marcada por excesso de comunicação e preocupação entre os membros do sistema familiar. Dessa forma, observou-se uma menor distância entre os membros, caracterizando fronteiras anuviadas. Porém, no subsistema parental verificou-se um

padrão de fronteira nítida. É importante salientar que esta nitidez não foi avaliada entre os cônjugues (pois a figura paterna era ausente nesse sistema), mas entre as duas cuidadoras principais da participante, a mãe e a tia (família extensa), que é uma limitação do FAST.

No tocante ao subsistema fraternal, nas duas avaliações, este teve escore de flexibilidade igual a zero. Este resultado sugere que não houve alteração na variação dessas representações. Portanto, as fronteiras foram rígidas, com interações que tinham um padrão de funcionamento inflexível, o qual proporciona papéis específicos aos membros em cada subsistema. Segundo Nichols e Schwartz (2007), quando esse tipo de fronteira provoca o desvencilhamento entre os membros do grupo, dificultando o contato entre eles e deles com outros sistemas.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Maria

A tabela 15 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pela participante em cada subsistema.

Tabela 15

Estrutura familiar percebida por Maria nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Equilibrada Coesão Média x Hierarquia Média	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia baixa
Parental	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Não representou
Fraternal	Não representou	Não representou	Não representou

Na representação típica (RT), a participante representou-se ao lado da mãe e esta ao lado da avó, caracterizando uma tríade criança-mãe-avó, na horizontal, com grande proximidade afetiva. Além disso, colocou um cilindro grande embaixo da figura da mãe e um cilindro grande embaixo da figura que representava a avó, o que, com relação ao subsistema familiar, possibilitou escores de coesão e hierarquia médios, os quais, ao serem cruzados caracterizaram uma estrutura familiar equilibrada (Gehring et al., 1994). Além disso, nas três representações (RT, RI e RC) não houve reprodução do subsistema fraternal, pois a participante não tinha irmãos.

A estrutura familiar equilibrada caracterizou um funcionamento saudável para o subsistema. Este achado corrobora a literatura, a qual afirma que em famílias saudáveis os membros são próximos emocionalmente e as relações intergeracionais apresentam-se equilibradas quanto à hierarquia, não sendo igualitárias nem muito hierárquicas (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990).

Na representação ideal (RI) a criança representou ela, sua mãe e a companheira de sua mãe, como no diálogo entre a pesquisadora e a criança:

Pesquisadora: você gostaria que sua família fosse diferente?

Maria: unida!

Pesquisadora: então representa aí pra mim como que é uma família unida.

Maria: eles moram todos juntos... (ela sorri)... a minha mãe, minha tia L - é prima da minha mãe.

Pesquisadora: e você, onde está?

Maria: no lado da minha mãe...

Pesquisadora: e tem mais alguém?

Maria: não, só nós três.

Os escores de coesão e hierarquia foram alto e baixo, respectivamente, caracterizando estruturas desequilibradas tanto no subsistema familiar quanto no parental. Quanto ao subsistema familiar verificou-se grande proximidade entre a

criança, a mãe e a tia L, a qual é companheira de sua mãe, a mãe foi representada entre a participante e a tia L. No entanto, a estrutura apareceu como desequilibrada, pela falta de cilindros embaixo das figuras representadas, o que sugere igualdade de poder nas relações familiares, ou seja, o poder é igual tanto para o casal, quanto para a díade mãe-criança.

Na representação de conflito (RC) a participante representou um conflito entre a mãe e um tio materno, em que os dois discutiram porque o tio deixou o filho na casa com a mãe de Maria e demorou para voltar. Relatou também que o tio não ajudava e nem cuidava do filho, deixando esta obrigação para a sua mãe. Segundo a participante, o conflito era de natureza verbal, sendo um tipo de situação que acontecia com frequência, como relata a participante:

Pesquisadora: Quem é que briga em casa?

Maria: A minha mãe briga com o meu tio (L).

Pesquisadora: Você sabe o porquê da sua mãe brigar com o seu tio?

Maria: Sei.... o tio L deixa o filho dele em casa com a minha mãe e ele e não ajuda e nem cuida do filho dele.

Pesquisadora: Você lembra de mais alguma coisa sobre esse conflito?

Maria: não!

Pesquisadora: Isso acontece sempre ou as vezes ou é muito difícil acontecer?

Maria: Acontece de vez em quando.

Nessa representação, para o subsistema familiar, os eixos de coesão e hierarquia foram baixos, caracterizando uma estrutura desequilibrada (Gehring, 1998). O subsistema parental não foi representado, assim como o fraternal.

Além da estrutura, avaliou-se também a dinâmica do sistema familiar, pelo escore de flexibilidade das fronteiras, como no quadro.

A tabela 16 apresenta os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Maria.

Tabela 16

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Maria.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal(RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito(RT- RC)
Familiar	2	2
Parental	0	Sem Representação
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Nas duas avaliações (da RT para a RC e da RT para a RI), o sistema familiar teve escore médio, com fronteiras nítidas, sugerindo que o sistema familiar da participante parecia em bom funcionamento, confirmando os dados da RT, em que os escores de coesão e hierarquia foram médios, indicando uma estrutura familiar equilibrada (Gehring et al., 1994), ou seja, um sistema familiar em funcionamento saudável para seus membros, o que implica em proximidade afetiva nas interações, além de uma estrutura hierárquica em que os pais ocupam uma posição de liderança (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990, Nichols & Schwartz, 2007).

Esse tipo de fronteira indica um bom funcionamento familiar, com fronteiras permeáveis, pois permite a interação entre os membros do sistema, assim como com outros sistemas (escola, instituições, etc) evitando o isolamento. Dessa forma, as fronteiras dos sistemas devem ser nítidas para que executem sua função (proteger a diferenciação do sistema) e mantenham boas relações (Nichols & Schwartz, 2007).

Ainda sobre a mudança da RT para a RI, o escore de flexibilidade para o subsistema parental foi igual a zero, indicando que não houve alteração da RT para a RI (Gehring, 1998). Quanto à variação da RT para a RC, não teve como avaliar a

flexibilidade para o subsistema parental. A participante não representou o subsistema fraternal, em função de não ter irmãos na época da aplicação do teste.

Convém salientar que as representações de Maria explicitaram uma nova configuração familiar, composta por genitores homossexuais. Mostrou também a presença da família extensa, nas figuras da avó, avô, tia R e M. Além disso, nas três representações verificou-se a ausência da figura paterna, corroborando a literatura sobre acolhimento institucional, em que o pai geralmente tem aparecido como uma figura pouco atuante ou ausente (Serrano, 2011, Yunes et al., 2001).

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de Sandra

A tabela 17 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pela participante em cada subsistema.

Tabela 17

Estrutura familiar percebida por Sandra nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa
Parental	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa
Fraternal	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Não representou	Não representou

Nas três representações (RT, RI e RC) os escores de coesão e hierarquia oscilaram, com uma estrutura familiar desequilibrada nas três representações. Na representação típica (RT) a participante representou sua avó, seu avô, ela mesma, sua mãe, a companheira da mãe (ela a chama de tia) e a filha da companheira de sua mãe, como no trecho de sua fala:

Pesquisadora: Representa pra mim as pessoas que fazem parte da sua família.

Sandra: Na época era a mamãe, eu, a M e a tia R, o vovô, vovó, tudo isso que morava lá.

Pesquisadora: Quem você obedecia mais?

Sandra: A mamãe, a tia R e mais ou menos a vovó e um pouquinho o vovô.

A participante representou a família típica colocando todos os membros da família na mesma linha um ao lado do outro do seguinte modo: a avó, o avô, a mãe, ela, a M e a tia R, respectivamente. Em função do número alto de pessoas representadas e da distribuição (na horizontal), o escore de coesão foi baixo, no entanto, observou-se grande proximidade afetiva entre a participante com os membros de sua família representados (tanto no subsistema familiar quanto no parental), o que foi verificado nas visitas à criança na instituição, em que percebeu-se uma interação bastante afetuosa entre ela e seus familiares.

Além disso, verificou-se que mesmo que a tia R e a M não fossem parentes biológicos, observou-se grande proximidade entre a participante com esses dois membros. Esse resultado confirma a literatura, segunda a qual, a família é percebida especialmente na existência de laços afetivos, independente das relações de consangüinidade (Machado, 2009).

Quanto à hierarquia, teve um escore baixo, colocando um cilindro médio embaixo da avó, um cilindro pequeno embaixo do avô, um cilindro grande embaixo da

mãe e um cilindro grande embaixo da tia R. A partir desse arranjo verificou-se que mesmo com um escore baixo (tanto no subsistema familiar quanto no parental), a distribuição de poder foi igualitária entre os membros que representavam as figuras parentais para a criança, assim como maior poder nos adultos do que na figura da criança, corroborando a literatura no tocante à estrutura familiar (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993; Minuchin, 1990).

Quanto à representação ideal (RI), a participante se representou entre as figuras da mãe e da tia R, sendo que simulou o avô longe dos demais membros representados, como no trecho do diálogo entre pesquisadora e participante:

Pesquisadora: Agora, eu gostaria que você representasse a sua família como você gostaria que fosse.

Sandra: Normal, a mesma coisa.

Pesquisadora: O que é a mesma coisa?

Sandra: Mais unido. Fica assim: a mamãe e a titia se gostam muito mas o vovô e a vovó brigavam que só! Então fica assim: a titia R, eu e a mamãe.. e o vovô não gostava muito. Nós juntas e o vovô distante da tia R, da mamãe e eu.

Nessa representação os escores de coesão e hierarquia foram baixos, caracterizando uma estrutura desequilibrada. Apesar de o escore de coesão ter sido baixo, devido ao distanciamento da figura que representava o avô, verificou-se alta proximidade afetiva da participante com sua mãe e a companheira da mãe (tia R). E, quanto à hierarquia teve seu escore baixo devido a ausência de cilindros embaixo das figuras, ou seja, todos os membros tiveram igualdade de poder nas interações representadas (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993).

Quanto à representação de conflito (RC), a participante representou um conflito que envolvia a mãe e o avô. Segundo a participante, situações de conflito eram raras de acontecer no contexto familiar, sendo que quando aconteciam envolviam o avô, o qual implicava com todas em casa. Ela disse que não acontecia esse tipo de situação na casa

dela, que ninguém brigou e que nunca brigavam e quando a pesquisadora pediu para ela pensar se em algum momento havia acontecido alguma discussão ou se alguém em algum momento havia ficado chateado com alguém, ela disse que o avô as vezes implicava com a mãe dela e com a avó, como no trecho do diálogo entre a participante e a pesquisadora:

Pesquisadora: Pensa em algum momento que alguém ficou chateado ou discutiu com alguém em sua casa.

Sandra: O meu avô

Pesquisadora: Porque o seu avô?

Sandra: Porque ele briga as vezes e a mamãe também briga as vezes. O meu avô briga com a minha mãe, com a minha avó...

Pesquisadora: Então representa aqui no tabuleiro.

Sandra: O meu avô, minha mãe, tia R, eu e a M e a vovó. E o vovô distante porque ele implica com a gente, com todo mundo, mas nesse dia ele brigou com a minha mãe.

Pesquisadora: Você sabe porque?

Sandra: Não sei. Ele não disse nem a minha mãe.

Pesquisadora: Você lembra de mais alguma coisa sobre isso?

Sandra: Não, a gente não brigava lá em casa, ninguém brigava.

Nessa representação a M, a participante, a tia R, a mãe e a avó foram representadas nessa ordem na horizontal. Entretanto, a participante colocou a figura que representava o avô distante dos demais membros da família, sendo que em nenhum momento a participante utilizou os cilindros. Dessa forma, a partir desse arranjo, os escores de coesão e hierarquia foram baixos, com uma estrutura desequilibrada (Gehring, 1998). No entanto, apesar da distribuição das figuras na horizontal, observou-se uma forte proximidade emocional entre as participantes.

Nas três representações teve ausência de representação do subsistema fraternal, pois a participante não tinha irmãos. Além disso, verificou-se a presença da família extensa (Polli & Arpini, 2012), principalmente nas figuras dos avós, da tia R e da M, assim como verificou-se uma dinâmica que era conduzida pela mãe (Yunes et al., 2001),

com ausência da figura paterna no contexto familiar nas três representações explicitadas pela participante (Serrano, 2011; Yunes et al., 2001).

Além da estrutura familiar, avaliada pelo cruzamento dos escores de coesão e hierarquia, foi avaliada a dinâmica familiar, de acordo com os escores de flexibilidade.

A tabela 20 apresenta os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de Sandra.

Tabela 18

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de Sandra.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal (RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito (RT- RC)
Familiar	0	0
Parental	0	0
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Nas duas avaliações (de RT para RI e de RT para RC) os escores de flexibilidade, para todos os subsistemas, foram iguais a zero, sem diferença nas mudanças de representação, com uma fronteira rígida. O escore de flexibilidade igual a zero para todos os subsistemas, indicou que não houve alteração na variação das representações. As fronteiras foram rígidas, com as interações nos diversos subsistemas, com um padrão de funcionamento invariável, o qual proporciona papéis específicos aos membros em cada subsistema. Esse padrão de fronteira provoca o desvencilhamento entre os membros do grupo, dificultando o contato entre eles e deles com outros sistemas (Nichols & Schwartz, 2007). Convém ressaltar que tanto a estrutura quanto a dinâmica

foram representados e avaliados sem a figura paterna, levando-se em consideração a figura da mãe da participante e sua companheira.

Representação de estrutura e dinâmica familiar na percepção de João

A tabela 19 apresenta os dados referentes à estrutura familiar percebidos pelo participante em cada subsistema, nas representações: típica, ideal e de conflito.

Tabela 19

Estrutura familiar percebida por João nas representações típica, ideal e de conflito.

Subsistema	Estrutura Familiar		
	Típica (RT)	Ideal (RI)	Conflito (RC)
Familiar	Equilibrada Coesão Média x Hierarquia Média	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa
Parental	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Baixa x Hierarquia Baixa	Desequilibrada Coesão Alta x Hierarquia Baixa
Fraternal	Não representou	Não representou	Não representou

Na representação típica (RT), o participante representou ele mesmo, a mãe, o pai, duas tias e um tio. Nessa representação a figura referente ao participante ficou no centro, rodeada pelos membros da família, ou seja, próximo a todos. Nas três representações (RT, RI e RC), o subsistema fraternal não foi representado, pois a criança não tinha irmãos.

No subsistema familiar os escores de coesão e hierarquia foram médios, caracterizando uma estrutura familiar equilibrada (Gehring, Marti & Sidler, 1994), ou seja, os membros estavam próximos afetivamente, e seus pais ou os cuidadores tinham

um relacionamento igualitário ou mais influência que a criança. Nesse sentido, pode-se inferir que o subsistema familiar representado tinha um funcionamento saudável, pois, segundo a literatura, um sistema familiar saudável é caracterizado pela igualdade no relacionamento do casal, além do que as figuras que representam os pais têm mais poder e influência do que seus filhos (Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994; Gehring & Wyler, 1986).

Na representação do subsistema parental, as figuras que representavam os genitores foram distribuídas cada uma de um lado da figura que representava o participante, ficando, dessa forma, longe um do outro. Além disso, o participante colocou um cilindro grande embaixo de cada genitor, da tia A e do tio D. De acordo esta distribuição de figuras e cilindros, no subsistema parental, os escores de coesão e hierarquia foram baixos, gerando uma estrutura desequilibrada.

Cruzando a análise do FAST com a da transcrição de sua aplicação e os dados da caracterização, observou-se proximidade afetiva entre a criança e seus genitores, tanto na visita, em que João parecia bastante receptivo, com boa interação aos seus familiares, assim como na representação de sua família (FAST), no entanto, no subsistema parental o escore de coesão foi baixo.

Na representação ideal (RI), o participante distribuiu as figuras da seguinte forma: o pai, ele e a mãe, como no trecho que segue:

Pesquisadora: Você gostaria que sua família fosse diferente?

João: Eu queria que a minha família fosse Bonita...

Pesquisadora: O que é uma família bonita pra você?

João: A minha mãe e eu perto.

Pesquisadora: Só vocês?

João: E o meu pai.

Porém, nessa representação o escore de hierarquia manteve-se baixo, caracterizando uma estrutura desequilibrada, o que ocorreu devido o participante não ter

colocado cilindro embaixo das figuras, estabelecendo, dessa forma, igualdade de poder tanto no subsistema familiar quanto no parental. Dessa forma, uma vez que não ocorreu distribuição de poder entre os membros do sistema, as relações intergeracionais se apresentaram como desequilibradas (Gehring et al., 1996; Gehring & Marti, 1993).

Na representação de conflito (RC), o conflito foi caracterizado como verbal, envolvendo os seus genitores, em que a mãe saiu de casa para beber, deixando o filho e o marido em casa e, conseqüentemente, o pai ficou chateado com a situação e eles discutiram. Segundo a criança, esse tipo de conflito acontece com pouca frequência. A criança lembrou que, quando os genitores discutiam, o pai sinalizava para a mãe que foi ele quem mandou construir a casa ("João: O meu pai diz que manda mais lá em casa, porque ele que mandou fazer a casa").

Nessa representação, o participante posicionou no tabuleiro as figuras que simulavam o pai, a mãe ao lado do pai e o próprio participante distante dos genitores. De acordo com essa distribuição, o escore de coesão foi baixo, assim como o de hierarquia, devido à representação sem uso de cilindros. O cruzamento dessas duas variáveis proporcionou uma estrutura desequilibrada no sistema familiar. No subsistema parental, como os pais ficaram um ao lado do outro, o escore de coesão foi alto, enquanto que o de hierarquia foi baixo, devido à representação sem uso de cilindros. Este arranjo caracterizou uma estrutura desequilibrada para o subsistema parental.

Além disso, verificou-se, tanto nas representações quanto na caracterização do participante, a presença forte da família extensa (muito presente, principalmente na figura das tias e do tio - "A, N e a tia A... eles gostam muito de mim"), confirmando a literatura sobre acolhimento institucional (Arpini & Quintana, 2009; Polli & Arpini, 2009; Siqueira, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Além da estrutura, foi avaliada a dinâmica familiar, de acordo com os escores de flexibilidade das fronteiras.

Na tabela 20 são apresentados os resultados referentes à flexibilidade das fronteiras nos subsistemas familiar, parental e fraternal de JE.

Tabela 20

Flexibilidade nos subsistemas parental, fraternal e familiar de João.

Subsistemas	Variação dos Escores de Flexibilidade	
	Da Representação Típica para a Ideal(RT- RI)	Da Representação Típica para a de Conflito(RT- RC)
Familiar	2	2
Parental	0	2
Fraternal	Sem Representação	Sem Representação

Em ambas as avaliações (de RT para RI, assim como de RT para RC), o sistema familiar teve flexibilidade média, com uma fronteira nítida, indicando um bom funcionamento. Esse dado converge com os escores de coesão e hierarquia médios encontrados na RT para o sistema familiar de João (Gehring et al., 1996; Gehring et al., 1994; Gehring & Wyler, 1986).

Quanto à mudança da RT para a RI, o subsistema parental teve escore de flexibilidade igual a zero, indicando que não houve mudança de uma representação para a outra (Gehring, 1998). Entretanto, na outra avaliação (de RT para RI), a flexibilidade do subsistema parental sofreu alteração, com um escore médio, em que as interações entre os genitores foram permeadas por uma fronteira nítida, novamente, indicando uma

dinâmica familiar funcional, ou seja, saudável. Nas três representações não houve indicação do subsistema fraternal, em função do participante não ter irmãos.

Considerações Finais

O propósito deste trabalho foi investigar a percepção quanto à estrutura e à dinâmica familiar de crianças em acolhimento institucional, através da análise de variáveis sócio-demográficas e da aplicação do FAST. O FAST mostrou-se sensível à população investigada, uma vez que através de sua aplicação pôde-se acessar percepções das crianças sobre suas famílias em três momentos: típico, idealizado e de conflito.

A contribuição do estudo aos profissionais que atuam nessa área, como a equipe técnica da instituição de acolhimento (pedagogos, psicólogos e assistentes sociais), pode se dar de modo a capacitar esses profissionais na área de infância, adolescência e família, em situação de vulnerabilidade, contribuindo para o embasamento teórico-prático desses profissionais para a tomada de decisão nos processos (Siqueira, 2012). Desse modo, à medida que os profissionais apresentam embasamento teórico, podem desenvolver um trabalho mais efetivo junto às famílias, inserindo-as na rede de atendimento e fortalecendo-as como cuidadoras (Siqueira, 2012).

A literatura mais recente vem focalizando a criança como colaboradora de pesquisa, com direito à voz. Dessa forma, o estudo pode trazer contribuições, também, para a academia, pois os resultados podem instigá-la a investigar mais sobre essa temática, mostrando a relevância de dar espaço à escuta da criança, onde esta possa expressar suas representações e percepções sobre o seu contexto. Além disso, a academia pode produzir instrumentos que possam captar a fala/percepções das crianças

que vivenciam o acolhimento, apontando para novas perspectivas em relação à criança, ao adolescentes e suas famílias. Ou seja, pode incentivar a academia na proposição de novas pesquisas, valorizando a fala/percepções da criança, aprofundando os estudos referentes à temática.

No tocante às limitações, destaca-se que embora o FAST acrescente o que outros instrumentos não acrescentam nessa faixa-etária (seis anos), ele apresenta uma limitação, que se deve ao fato de ter sido elaborado para avaliar um modelo de família nuclear com um limite de membros. Dessa maneira, o instrumento nem sempre contempla a estrutura de família extensa.

Tendo em vista os resultados do estudo, verificou-se a relevância do tema abordado, sugerindo-se: a reflexão e criação de políticas públicas voltadas para crianças em acolhimento e suas famílias (incluindo a família extensa), como programas de preservação familiar. Especificamente, que a academia investigue mais esses tipos de programas para a Região Norte, pois esses já existem na realidade de outros estados brasileiros, embora ainda sejam escassos e pouco investigados no meio científico (Siqueira & Dell'Aglio, 2011).

Além dessa, pode-se citar ainda a validação do FAST, adaptando o instrumento à realidade da Região Norte ou à família extensa ou, também, à realidade da instituição de acolhimento, sugerindo-se mais a replicação do estudo, fazendo a comparação entre as percepções tanto individual quanto dos demais membros da família, uma vez que o modelo sistêmico enfatiza a importância de acessar as perspectivas dos vários membros do sistema familiar.

Mais ainda, no que se refere à grade curricular da graduação do curso de Psicologia, essa deve estar sintonizada com a realidade dos problemas sociais da região.

Dessa forma, academicamente, é necessário que, ainda na graduação em psicologia, o discente deva ter em sua grade curricular tópicos voltados para essa realidade, como família, crianças em acolhimento, acolhimento institucional, além de estágio em instituições de acolhimento, proporcionando, assim, que o discente tenha contato com essa realidade tão antiga. Esses aspectos ajudarão o futuro psicólogo em sua atuação junto à criança em acolhimento e à família dela.

E a questão fundamental desta pesquisa: proporcionar às várias instituições de acolhimento um novo olhar sobre a criança acolhida, para que, a partir desse resultado, que foi corroborado por diversas pesquisas, essas instituições revejam sua estrutura e prática, considerando o olhar da criança sobre a família, as implicações do tempo de acolhimento, do recebimento de visitas, de estarem ou não junto aos irmãos, de terem ou não a família extensa como rede de apoio, tudo isso pensando na reinserção da criança ao grupo familiar. Essas são variáveis que a instituição, assim como o poder legislativo, deve considerar na elaboração e execução de propostas que visem ao bem-estar de crianças em acolhimento.

Enfim, pode-se dizer que, se de um lado há estudos meramente descritivos sobre as características do acolhimento no Brasil, de outro é importante salientar que os envolvidos (crianças, família e profissionais) devem ser ouvidos sobre o processo de acolhimento a que estão submetidos, para que esses dados ecoem de forma a repensar essa estrutura organizacional no Brasil, principalmente na Região Norte, porque, assim como na família, na instituição há tantos fatores de risco quanto de proteção, e o saldo positivo desse processo dependerá da inclusão de dados como esses na estruturação das instituições de acolhimento.

Referências

- Almeida, I. G., Maehara, N. P. & Rossetti-Ferreira, M.C. (2011). A perspectiva da criança em acolhimento institucional sobre sua rede social: a importância do relacionamento entre irmãos. In M. C. Rossetti-Ferreira, S. A. Serrano & I. G. Almeida (Org.), *O acolhimento institucional na perspectiva da criança* (pp. 60-85). São Paulo: Hucitec.
- Almeida, I. G. de (2009). Rede social e relacionamento entre irmãos: a perspectiva da criança em acolhimento institucional. Dissertação de Mestrado Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Arpini, D. M. & Quintana, A. M. (2009). Família e instituições de abrigo: reconstruindo relações. In D. M. Arpini (Org.), *Psicologia, Família e Instituição* (pp. 09-28). Santa Maria: Editora da UFSM.
- Azôr, A. M. G. C. C. V. & Vectore, C. (2008). Abrigar/desabrigar: conhecendo o papel das famílias nesse processo. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 77-89.
- Brasil (2009). Lei Federal nº 12.010 de 29 de julho de 2009. Dispõe sobre adoção e dá outras providências. Diário Oficial da União. Obtido em 17 de julho de 2012 de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0869.htm
- Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejadas. Tradução, M. A. Veronese. Porto Alegre. Artes Médicas (Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (2011). Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução A. Carvalho-Barreto. Porto Alegre. Artmed (Original publicado em 2005).

- Campos, M. M. (2008). Por que é importante ouvir a criança? a participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In S. H. V. Cruz (Org.), *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas* (pp. 35-42). São Paulo: Cortez Editora.
- Carvalho, A. M. A., Moreira, L. V. C. & Rabinovich, E. P. (2010). Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 417-426.
- Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C. & Pontes, F. A. R. (2007). Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, 25, 20-34.
- Cavalcante, L. I. C., Costa, L. N. & Magalhães, C. M. C. (2011). Caretaking Behavior among Siblings in Children's Shelters. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(1), 165-173.
- Conanda (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) & CNAS (Conselho Nacional de Assistência Social). (2008). *Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. Brasília.
- Conselho Nacional do Ministério Público (2013). Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país (Relatório). Obtido em 08 de agosto de 2013 de [https://www.google.com.br/#q=CONSELHO+NACIONAL+DO+MINIST%C3%89RIO+P%C3%9ABLICO+\(2013\).+Um+olhar+mais+atento+aos+servi%C3%A7os+de+acolhimento+de+crian%C3%A7as+e+adolescentes+no+pa%C3%ADs.](https://www.google.com.br/#q=CONSELHO+NACIONAL+DO+MINIST%C3%89RIO+P%C3%9ABLICO+(2013).+Um+olhar+mais+atento+aos+servi%C3%A7os+de+acolhimento+de+crian%C3%A7as+e+adolescentes+no+pa%C3%ADs.)
- CNAS (Conselho Nacional da Assistência Social). (2009). Tipificação Nacional de Serviço Socioassistenciais. Texto de resolução nº 109, Brasília.

- Cunha, S. (2008). Representações e expectativas sobre a família e a adoção em crianças e jovens institucionalizados. Artigo apresentado no *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Lisboa, Portugal.
- Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], *Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990* -6 ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- De Antoni, C. (2005). Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico. *Tese de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Dunn, J. (2005). Commentary: siblings in their families. *Journal of Family Psychology*, 19 (4), 654-657.
- Fante, A. P. & Cassab, L. A. (2007). Convivência familiar: um direito à criança e ao adolescente institucionalizado. *Revista Textos e Contextos*, 6(1), 154-174.
- Fisek, G. O. (1991). A cross-cultural examination of proximity and hierarchy as dimensions of family structure. *Family Process*, 30, 121-131.
- Freire, V. R. B. P., Silva, S. da C. S. & Pontes, F. A. R. (2012). Coesão e hierarquia parental na percepção de ribeirinhos beneficiários do programa bolsa família. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(3), 343-352.
- Freitas, H. R. M. (2009). Estrutura e dinâmica de famílias com um filho com necessidades especiais. Dissertação de Mestrado Publicada, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Pará.

- Freitas, H. R. M., Silva, S. de C. S. & Pontes, F. A. R. (2012). Percepção de conflito em uma família recasada constituída por um filho com paralisia cerebral. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28 (1), 155-172.
- Gehring, T. M. (1998). *FAST: Family System Test Manual*. Zurich: Hogrefe & Huber Publishers.
- Gehring, T. M. & Wyler, I. L. (1986). Family-System-Test (FAST): a three dimensional approach to investigate family relationships. *Child Psychiatry and Human Development*, 16, 235-248.
- Gehring, T. M. & Marti, D. (1993). The family system test: differences in perception of family structures between nonclinical and clinical children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 34, 363-377.
- Gehring, T. M. & Marti, D. (1993). The architecture of family structures: toward a spatial concept for measuring cohesion and hierachy. *Family Process*, 32, 135-139.
- Gehring, T.M., Candrian, M., Marti, D. & Sarte, O. R. del (1996). Family System Test (FAST): the relevance of parental family constructs for clinical intervention. *Child Psychiatry and Human Development*, 27, 55-64.
- Gehring, T.M., Marti, D. & Sidler, A. (1994). Family system test (FAST): are the parents' and children's Family constructs either different or similar, or both? *Child Psychiatry and Human Developmental*, 25, 125-138.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- Guirado, M. (1986). *Instituição e relações afetivas - o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus.

- Kreuz, S. L. (2012). *Direito à convivência familiar da criança e do adolescente: direitos fundamentais, princípios constitucionais e alternativas ao acolhimento institucional*. Juruá Editora.
- Lira, P.P.B. de (2012). Processos de significação sobre família em crianças acolhidas institucionalmente. *Dissertação de mestrado* (Trabalho de mestrado não publicado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Lopes, E. S. L., Néri, A. L. & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. In *Textos Envelhecimento*, 2, 39-54.
- Lounds, J. J., Borkowski, J. G. & Whitman, T. L. (2006). The potential for child neglect: the case of adolescent mothers and their children. *Child Maltreatment*, 11, 281-294.
- Machado, K. C. R. (2009). Significados de família para crianças em abrigo. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos de Psicologia*, 19, 177-187.
- Minuchin, P. (1988). Relationships with the family: a systems perspective on development. In R. Hinde & J. S. Hinde (Org.), *Relationships within families: mutual influence* (pp. 8-25). Oxford: Clarendon Press e University Press.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Tradução, J. A. Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P. & Silva, C. N. (2009). Olhares de crianças baianas sobre família. *Paideia, Ribeirão Preto*, 42(19), 77-85.
- Nardi, F. L. & Dell'Aglio, D. D. (2012). Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes e Conselho Nacional de Assistência Social (Coord.). Brasília, 2009.
- Pelicoli, C., Teodoro, M. L. M. & Dell'Aglio, D. D. (2007). A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: estudo de caso. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 256-269.
- Pinheiro, M. H. C. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008). A família como base. In L. N. D. Weber (Org.), *Família e Desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 21-6). Curitiba: Juruá Editora.
- Polli, R. G. & Arpini, D. M. (2012). "A minha família é juntada": a estrutura familiar extensa na visão de crianças de grupos populares. In D. M. Arpini & A.C. Siqueira (Org.), *Psicologia, famílias e leis* (pp. 143-174). Santa Maria: Editora da UFSM.
- Rabinovich, E. P. & Moreira, L. V. C. (2008). Significados de família para crianças paulistas. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 13(3), 447-455.
- Rabinovich, E. P. & Moreira, L. V. C. (2011). Estudos sobre família em contextos brasileiros. In E. P. Rabinovich & L. V. C. Moreira (Org.), *Família e*

- parentalidade: olhares da psicologia e da história* (pp. 15-40). Curitiba: Juruá Editora.
- Ramirez, V. R. R. & Froner, J. P. (2008). A escuta da criança nas situações de abuso sexual intrafamiliar. In S. H. V. Cruz (Org.), *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas* (pp. 225-244). São Paulo: Cortez Editora.
- Rizzini, I. & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Rocha, E. A. C. (2008). Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In S. H. V. Cruz (Org.), *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas* (pp. 43-51). São Paulo: Cortez Editora.
- Rossetti-Ferreira, M.C., Serrano, S.A. & Costa, N.R.A. (2011). Reflexões sobre o desenvolvimento humano e o contexto institucional. In M. C. Rossetti-Ferreira, S. A. Serrano & I. G. Almeida (Org.), *O acolhimento institucional na perspectiva da criança* (pp. 60-85). São Paulo: Hucitec.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A. & Almeida, I. G. (2011). A criança e o adolescente como sujeito ativo e de direitos no processo de acolhimento institucional: uma longa história ainda inacabada. In M. C. Rossetti-Ferreira, S. A. Serrano & I. G. Almeida (Org.), *O acolhimento institucional na perspectiva da criança* (pp. 29-59). São Paulo: Hucitec.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Sólton, L. A. G. & Almeida, I. G. (2011). *A delicada arte de ouvir e informar crianças*. In D. C. F. Bernardi (Org.) *Direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos -Instituto Fazendo História-Núcleo de Estudos sobre a Criança e o Adolescente -Neca, cap.5.

- Sartorelli, J. B. (2004). Condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo: a percepção pelos jovens e pelas crianças e os processos de gestão dessas condições pelos que cuidam da instituição. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Sigal, J., Perry, J. C., Rossignol, M. I. & Ouimet, M. C. (2003). Unwanted infants: psychological and physical consequences of inadequate orphanage care 50 years later. *American Journal of Orthopsychiatry*, 73, 3-12.
- Silva, E. R. (2004). *O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil*. Brasília: IPEA/CONANDA.
- Silva, S. S. da C. (2006). Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Siqueira, A. (2012). Avanços na legislação de proteção à criança e ao adolescente: superando desafios e construindo novas perspectivas no atendimento ao jovem em situação de institucionalização. In D. M. Arpini & A. C. Siqueira (Org.), *Psicologia, famílias e leis: desafios à realidade brasileira* (pp.19-44). Santa Maria: Editora UFSM.
- Siqueira, A. C. & Dell'Aglio, D. D (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80.
- Siqueira, A. C., Zoltowsky, A. P., Giordani, J. P., Otero, T. M. & Dell'Aglio, D. D. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 07-15.

- Trivellato, A. J., Carvalho, C. & Vectore, C. (2013). Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), 299-307.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papyrus.
- Vectore, C. & Carvalho, C. (2008). Um olhar sobre o abrigo: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 441-449.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (Daniel Grassi, Trad). Porto Alegre: Bookman (Original publicado em 2003).
- Yunes, M. A. M., Arrieche, M. R. O., Tavares, M. F. A. & Faria, L. C. (2001). Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua. *Paidéia*, 11(20), 47-56.
- Weber, L. N. D. & Kossobudzki, L. H. M. (1996). *Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná.

Apêndices

Apêndice A - Formulário para caracterização das crianças

NOME DA INSTITUIÇÃO: _____ MUNICÍPIO: _____

IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA

A. Dados Pessoais:

1. Nome: _____
2. Sexo: Feminino Masculino
3. Data de Nascimento: _____ Naturalidade: _____
4. Endereço: _____
5. Bairro: _____ Município: _____ Estado: _____
6. Tem o nome do pai no registro civil? Não Sim

B. Dados escolares

7. Escolaridade: Estuda Não estuda
- Série que cursa: _____ Nível: Educação infantil Ensino Fundamental
- Se não estuda, em que série parou: _____ Nível Educação infantil Ensino Fundamental
- Ano que parou: _____
- Por quê? _____
8. Escola: Pública Privada
9. Já foi reprovado? Não Sim. Quantas vezes? _____
10. Já foi expulso de alguma escola? Não Sim. Quantas vezes? _____
- Por quê? Brigas Faltas Outro: _____

C. Dados familiares

11. A criança ou a sua família recebe algum tipo de bolsa auxílio (bolsa escola, bolsa alimentação, etc.)?
- Não Sim
- Que tipo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)
- Bolsa família Bolsa de estudo PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
- Valor do benefício: _____

SITUAÇÃO FAMILIAR DA CRIANÇA

12. Composição Familiar

Composição familiar	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação	Renda	Paradeiro ¹	Convivência Familiar ²	Tempo de Convivência ³
Mãe								
Pai								
Resp onsável Legal								
Irmão 1								
Irmão 2								
Irmão 3								
Irmão 4								

¹ Conhecido=C; Desconhecido=D

² Sim = S; Não = N

³ Descrever em meses e/ou anos

13. Com quem vivia antes da permanência na instituição
- Com a mãe e o pai Apenas com a mãe Apenas com o pai
- Com a mãe e o padrasto Com o pai e a madrasta
- Com a mãe e outros familiares Com o pai e outros familiares

- Com os avós maternos Com os avós paternos
 Com outros familiares Sem informação
 Outros: _____

14. Qual o tipo de família que vivia antes de sua permanência na instituição:
 Família biológica Família substituta (guarda) Família substituta (adoção)

15. Orfandade antes de ser encaminhada a instituição
 Órfã de pai Órfã de mãe Órfã de ambos N.R.A. Sem informação

16. Orfandade durante a permanência na instituição
 Órfã de pai Órfã de mãe Órfã de ambos N.R.A. Sem informação

17. Condições de moradia					
Situação do imóvel que morava antes de vim para a instituição ⁴	Tipo de construção ⁵	Energia elétrica ⁶	Água encanada ⁷	Saneamento ⁸	Número de cômodos ⁹

⁴ Próprio=P; Alugado = A; Cedido = C; Rua = R; Sem informação = SI; Outro = O (especificar)
⁵ Alvenaria=A; madeira= M; taipa = T; mista=MT; Sem informação = SI; Outro = O (especificar)
⁶ Olhão=O; Gato=G; Motor=M; Sem informação = SI; Outro = O (especificar)
⁷ Cosanpa=C; Poço=P; Sem informação = SI; Outro = O (especificar)
⁸ Fossa Séptica=FS; Céu Aberto =CA; Sem informação = SI; Outro = O (especificar)
⁹ Especificar em números

PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

A) Dados sobre a situação jurídica e institucional.

A.1.) Situação Atual:

18. Data em que deu entrada na instituição: _____ Sem informação

19. Motivo(s) que justificou (aram) seu encaminhamento (CEIJ) a instituição

- Abandono por parte dos pais e/ou responsáveis Negligência familiar
 Pobreza e/ou vulnerabilidade social dos pais e/ou familiares Situação de rua (família de rua, etc.)
 Violência física (punições, torturas, confinamento, etc.) Violência sexual (abuso sexual e estupro)
 Pai, mãe ou pais alcoólatras ou dependentes de outras drogas; Pai, mãe ou pais presidiários;
 Pai, mãe ou pais portadores de doença mental; necessidades especiais; doenças graves ou crônicas.
 Outro: _____

20. Qual o motivo que a equipe técnica aponta _____

21. Procedência do encaminhamento: _____

22. Permanência de irmãos na instituição

- Não Sim Sem informação

23. Visitas	Sim	Não	Periodicidade
Mãe			
Pai			
Outros Parentes (Especificar)			
Comunidades			

OBS: SI = Sem informação

24. Desligamento da instituição:

Data: _____ Destino: _____

Motivo: _____

Idade que foi desligada: _____

A.2.) Histórico de Institucionalização

25. Primeira institucionalização: Não Sim Sem informação
26. Idade em que foi institucionalizada pela primeira vez: _____
27. Permanência em outra instituição de proteção especial?
 Não Sim Sem informação
28. Caso a resposta seja sim, qual o nome da instituição? _____
29. Número de vezes em que deu entrada na instituição atual
 Uma Duas Três Mais de três Sem informação
30. Data em que deu entrada pela primeira vez na instituição atual: _____
31. Tempo de permanência? _____
32. Data em que deu entrada pela segunda vez na instituição: _____
33. Idade em que deu entrada pela segunda vez na instituição? _____
34. Tempo de permanência na instituição da segunda vez? _____
35. Qual a soma do tempo de permanência em instituições de proteção especial desde a primeira vez em que foi atendido? _____
36. Já se envolveu em situações ilegais como as citadas (Marque mais de uma, se for o caso) abaixo?
- Envolvimento em brigas com agressão física/violência contra pessoas
- Destruição de propriedade
- Envolvimento em pichação
- Assaltou alguém
- Roubou algo
- Vendeu drogas
- Outra. Qual? _____

B) Dados sobre a saúde da criança

37. Possui o "Cartão do SUS"? Não Sim Sem informação
38. Intercorrências na gestação: Não Sim Sem informação
- Em caso afirmativo, qual: _____
39. Características do parto:
- Normal Operatório Fórceps Sem informação
- Pré-termo A termo Pós-termo
40. Condições de nascimento: peso ao nascer: _____ altura ao nascer: _____
- Outras informações: _____
41. Indicadores de crescimento:
- Peso: _____ altura: _____ idade: _____
- Peso: _____ altura: _____ idade: _____
- Outras informações: _____
42. Possui algum familiar que usa drogas? Não Sim Sem informações
- Se a resposta for sim, qual? _____
- Drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro) Drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola)
43. Distúrbios na fala (atraso, dislexia, etc):
 Não Sim Sem informação.
- Em caso afirmativo, qual: _____
44. Distúrbios visuais (baixa visão, cegueira, etc):
 Não Sim Sem informação
- Em caso afirmativo, qual: _____
45. Distúrbios auditivos (baixa audição, surdez, etc):
 Não Sim Sem informação
- Em caso afirmativo, qual: _____
46. Deficiência física (paralisia, mutilações, etc):
 Não Sim Sem informação
- Em caso afirmativo, qual: _____
- Outras: _____
47. Aleitamento natural: Não Sim Sem informação

48. Restrições na dieta: Não Sim Sem informação

49. Uso de medicação controlada: Não Sim Sem informação

Em caso afirmativo, qual: _____

50. Quando o adolescente chegou a instituição apresentava sintomas de alguma doença?

- | | | | | |
|---|---|-------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Gripe/resfriado | <input type="checkbox"/> Bronquite/asma | <input type="checkbox"/> Amidalite | <input type="checkbox"/> Pneumonia | <input type="checkbox"/> Sarampo |
| <input type="checkbox"/> Rubéola | <input type="checkbox"/> Varicela | <input type="checkbox"/> Escabiose | <input type="checkbox"/> Diarreia | <input type="checkbox"/> Otite |
| <input type="checkbox"/> Hepatite | <input type="checkbox"/> Desnutrição | <input type="checkbox"/> Pediculose | | |
| <input type="checkbox"/> Alergias | <input type="checkbox"/> Doença crônica (diabetes, câncer, insuficiência renal, etc.) | | | |
| <input type="checkbox"/> Doença sexualmente transmissível | <input type="checkbox"/> Sem informação | | | |
| <input type="checkbox"/> Outras: _____ | | | | |

51. Quando a criança chegou à instituição apresentava lesões corporais?

- Não Sim Sem informação

Se caso a resposta for sim, quais os tipos de lesões relatadas?

52. Quando a criança chegou à instituição apresentava alterações de ordem emocional (timidez excessiva, agressividade, estado de choque, hiperatividade, apatia, etc.)?

- Não Sim Sem informação

Em caso afirmativo, qual (is)? _____

53. Doenças durante a sua permanência na Instituição:

- | | | | | |
|--|--------------------------------------|---|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Gripe/resfriado | <input type="checkbox"/> Amidalite | <input type="checkbox"/> Bronquite/asma | <input type="checkbox"/> Pneumonia | <input type="checkbox"/> Sarampo |
| <input type="checkbox"/> Rubéola | <input type="checkbox"/> Varicela | <input type="checkbox"/> Escabiose | <input type="checkbox"/> Diarreia | <input type="checkbox"/> Otite |
| <input type="checkbox"/> Hepatite | <input type="checkbox"/> Desnutrição | <input type="checkbox"/> Pediculose | <input type="checkbox"/> Alergias | <input type="checkbox"/> Sem informação |
| <input type="checkbox"/> Outras: _____ | | | | |

Apêndice B - Folha de Registro do Family System Test - FAST

Fonte: Gehring(1998)

Family Representations

Name _____
Date _____

Typical representation (TR)

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

	P	M	C1	C2	C3				
Figures									
RPat									
Age									
Gender									
R									
H									
Co									

Stability low high
Differences small large

BO/SPRINT _____

Ideal representation (IR)

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

H									
Co									

Situation routine special
Frequency often seldom

BO/SPRINT _____

Conflict representation (CR)

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

H									
Co									

Type of conflict parent parent-child
 sibling other
Situation routine special
Frequency often seldom

BO/SPRINT _____

Comments _____

© 1998 Hogrefe & Huber Publishers

Apêndice C- Autorização Judicial

Secretaria de
Estado de Assistência
e Desenvolvimento Social



ESPAÇO DE ACOLHIMENTO PROVISÓRIO INFANTIL

OFÍCIO Nº. 241/2011 – EAPI/SEDES

Belém 27 de maio de 2011.

A: EQUIPE DE PROFESSORES DA UFPA

Conforme ofício expedido pela 1ª vara da infância e juventude da comarca da capital (Ofício nº. 222/2011), autorizamos as professoras CELINA MARIA COLINO MAGALHÃES e LILIA IÊDA CHAVES CAVALCANTE e seus orientandos em Mestrado e doutorado a adentrarem neste abrigo com objetivo de coletarem dados e imagens que serão parte do projeto: “Percepções de crianças de abrigo: os ambientes e as formas relacionais”.

Atenciosamente.


ODETE VANZELER SABÁ

Gerente

Odete Vanzeler Sabá
Gerente EAPISEDES
Mat.: 5434599/5

Apêndice D-Autorização do Comitê de Ética



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 155/11 CEP-ICS/UFPA

Belém, 06 de outubro de 2011.

Profª. Drª. Celina Maria Colino Magalhães

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa "PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS DE ABRIGO: OS AMBIENTES E AS FORMAS RELACIONAIS." CAEE 0135.0.073.000-11 e parecer nº146/11 CEP-ICS/UFPA foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano CEP-ICS/UFPA, do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará na reunião do dia 5 de outubro de 2011.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 30 de março de 2014, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos.
Coordenador do CEP-ICS/UFPA